

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

CAINÃ DE BEM

**DROP DO BEM: O SURF COMO FERRAMENTA DE ENSINO EM UM PROJETO
SOCIAL ESPORTIVO**

Florianópolis,
2018

Cainã de Bem

**DROP DO BEM: O SURF COMO FERRAMENTA DE ENSINO EM UM PROJETO
SOCIAL ESPORTIVO**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em
Educação Física – Bacharelado do Centro de
Desportos da Universidade Federal de Santa
Catarina como requisito para a obtenção do Título
de Bacharel em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Michel Milistetd

Co-orientador Prof. Me. Vinicius Zeilmann Brasil

Florianópolis

2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

de Bem, Cainã

DROP DO BEM: O SURF COMO FERRAMENTA DE ENSINO EM UM
PROJETO SOCIAL ESPORTIVO / Cainã de Bem ; orientador,
Michel Milistetd, coorientador, Vinicius Zeilmann Brasil,
2018.

68 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Desportos, Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Educação Física. 2. Projeto social esportivo. 3. Surf.
4. Educação. I. Milistetd, Michel. II. Zeilmann Brasil,
Vinicius. III. Universidade Federal de Santa Catarina.
Graduação em Educação Física. IV. Título.

Cainã de Bem

DROP DO BEM: O SURF COMO FERRAMENTA DE ENSINO EM UM PROJETO
SOCIAL ESPORTIVO

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de
"Bacharel em Educação Física" e aprovado em sua forma final pelo Centro de Desportos da
Universidade Federal de Santa Catarina, com a nota 8,2

Florianópolis, 27 de Novembro de 2018.

Banca Examinadora:



Prof.º Dr.º Michel Milistetd

Orientador

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.º Me. Vinicius Zeilmann Brasil

Coorientador

Universidade Federal de Santa Catarina



Mes. Carlos Ewerton Palheta

Universidade Federal de Santa Catarina



Me. Vitor Ciampolini

Universidade Federal de Santa Catarina

Tayná Iha - Membro Suplente

Este trabalho é dedicado a todos aqueles que, de alguma forma, fazem a diferença na vida de alguém.

AGRADECIMENTOS

Não poderia iniciar essa sessão de outra forma se não agradecendo a pessoa que me colocou no mundo e colocou o mundo do surf em mim, obrigado Mãe, por me ensinar o que é ser uma pessoa de bem, pelos exemplos de vida, de força, coragem e determinação que sempre fizeram e fazem parte da sua caminhada. Obrigado por sempre incentivar a prática de esportes e por permitir que a praia e o mar fossem nosso quintal, fazendo com que as brincadeiras de criança se tornassem um sonho e uma profissão. Obrigado por, mesmo estando longe, ser um porto seguro e ao mesmo tempo um mar com “altas ondas”. Se hoje sou quem eu sou é porque tive você como exemplo. E se um dia eu for uma pequena parte do que tu és saberei que segui o caminho certo e que todos os exemplos e ensinamentos me fizeram ser, realmente, uma pessoa de bem. Obrigado Mãe!

Agradeço a outra mulher da minha vida, minha esposa, namorada, amiga e parceira Lays. Por todo o apoio nestes anos que passaram e nos que estão por vir, por acreditar em mim, me incentivar e fazer com que eu queira ser melhor sempre. Por compartilhar sonhos, frustrações, conquistas, alegrias e tristezas. Obrigado por permitir que eu seja quem eu sou e me amar dessa maneira, por ser minha companheira nessa jornada doida que é a vida. Obrigado, principalmente, pelo apoio e paciência durante a confecção deste trabalho. Eu te amo minha linda!

Também agradeço a oportunidade de atuar no projeto Drop do Bem e poder passar um pouco do pouco que eu sei adiante. Ao Leco por estruturar o projeto, me convidar e permitir que eu faça parte desse sonho. A todos os instrutores que, de alguma forma, me ensinaram muito durante o período em que atuamos juntos nas aulas. A Associação de Surf do Matadeiro (ASM) e seus dirigentes, por abraçarem o projeto e darem suporte para que o sonho se tornasse realidade. E a todos aqueles que fazem parte do projeto, voluntários, pais e principalmente aos alunos, por receberem as lições e permitirem que sejamos exemplos nas suas vidas.

Aos meus professores, não só da graduação, mas também todos aqueles que de alguma forma colaboraram para que eu esteja seguindo seus passos. E também ao meu orientador Michel, pelo apoio e disponibilidade em auxiliar na execução deste trabalho e ao meu coorientador Vinicius, que não mediu esforços em me guiar e colaborar para que este trabalho pudesse ser realizado, sem vocês nada disso seria possível.

A todos vocês **MUITO OBRIGADO!!!**

Tem que ter é amor na parada, dessa vida não se leva nada.
(Dazaranha, 2014)

RESUMO

O objetivo geral deste trabalho foi analisar a estrutura organizacional e os procedimentos pedagógicos de um projeto social esportivo que tem o surf como ferramenta de ensino. Como objetivos específicos buscou-se identificar os princípios conceituais e metas do projeto social Drop do bem, caracterizar as estratégias de ensino aplicadas no projeto Drop do bem, analisar os impactos percebidos do programa e identificar desafios encontrados pelos instrutores do projeto. Metodologicamente este trabalho se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, quanto aos objetivos pode ser considerada uma pesquisa descritiva e exploratória. Foram utilizados roteiros de pesquisa semiestruturadas com três instrutores e com o idealizador do projeto, a fim de atingir os objetivos propostos. Os dados foram captados com um gravador eletrônico e transcritos, literalmente, com o auxílio dos *softwares iTunes e Microsoft Office Word* (versão 2013). Também foi utilizada a técnica de análise documental, a fim de traçar a identidade do projeto pesquisado. Como forma de análise de dados foi utilizado o método análise temática, que tem como objetivo identificar, analisar e relatar padrões, ou temas, dentro do conjunto de dados obtidos pelo pesquisador. Como resultados foi possível verificar que os instrutores do projeto possuem uma íntima relação com o surf e as metas propostas foram em parte atingidas. Também verificou-se que num primeiro momento foi priorizada a parte física dos alunos e que a segurança se faz sempre presente nas aulas do projeto. Para uma melhor organização das atividades os alunos eram divididos em níveis técnicos, para que as lições pudessem ser direcionadas para cada especificidade. Com relação aos impactos percebidos foi possível notar uma evolução nas atitudes e comportamentos dos alunos, além de uma melhora no desempenho escolar e nas relações familiares. Como desafios foram apresentados o fim da verba disponível, a grande variação nas idades dos alunos e a dificuldade em planejar as aulas.

Palavras-chave: Projeto social esportivo. Surf. Educação.

ABSTRACT

The general objective of this research was to analyze the organizational structure and pedagogical procedures of a social sport project that has surfing as a teaching tool. Specific objectives were to identify the conceptual principles and goals of the social project “Drop do Bem”, characterize the teaching strategies applied in the project “Drop do Bem”, analyze the perceived impacts of the program and identify challenges encountered by the project instructors. Methodologically, this work is characterized as a qualitative research, regarding the objectives can be considered a descriptive and exploratory research. Semi-structured research guides were used with three instructors and with the project's originator, in order to reach the proposed objectives. The data was captured with an electronic recorder and transcribed, literally, with the aid of iTunes software and Microsoft Office Word (version 2013). The document analysis technique was also used in order to trace the identity of the research project. As a form of data analysis was used the thematic analysis method, which aims to identify, analyze and report patterns, or themes, within the set of data obtained by the researcher. As a result it was possible to verify that the instructors of the project have an intimate relation with the surf and the goals proposed were in part affected. It was also verified that in the first moment the physical part of the students was prioritized and that safety is always present in the classes of the project. For a better organization of the activities the students were divided in technical levels, so that the lessons could be directed to each specificity. With regard to the perceived impacts, it was possible to notice an evolution in the attitudes and behaviors of the students, besides an improvement in the school performance and in the family relations. As challenges were presented the end of available funding, the great variation in the ages of the students and the difficulty in planning the classes.

Keywords: Sports social project. Surf. Education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Características dos participantes da pesquisa.....	27
Quadro 2 – Fases da Análise Temática.....	29
Quadro 3 – Matriz de análise dos dados.....	30

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	OBJETIVOS.....	14
1.1.1	Objetivo Geral	14
1.1.2	Objetivos Específicos	14
1.2	JUSTIFICATIVA.....	14
2	REVISÃO DE LITERATURA	16
2.1	O SURF COMO POSSIBILIDADE DE DESENVOLVIMENTO PARA CRIANÇAS E JOVENS.....	16
2.1.1	Esporte Educacional	16
2.1.2	Os esportes Radicais para o desenvolvimento de crianças e jovens	19
2.2	O ESPORTE EM PROJETOS SOCIAIS	23
2.2.1	Projetos Sociais Esportivos e o Terceiro setor	23
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	25
3.1	CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO	25
3.2	CONTEXTO DE INVESTIGAÇÃO: O PROJETO “DROP DO BEM”	26
3.3	PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	27
3.4	INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	27
3.5	ANÁLISE DOS DADOS	28
4	RESULTADOS	31
4.1	PRINCÍPIOS CONCEITUAIS E METAS DO PROJETO DROP DO BEM.....	31
4.2	ESTRATÉGIAS DE ENSINO UTILIZADAS PELOS INSTRUTORES	38
4.3	IMPACTOS PERCEBIDOS DO PROGRAMA.....	44
4.4	DESAFIOS ENCONTRADOS PELOS INSTRUTORES.....	49
5	DISCUSSÃO	53
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
	REFERÊNCIAS	61
	APÊNDICE A – Entrevista semiestruturada Instrutores	63

APÊNDICE B – Entrevista semiestruturada Coordenador.....	65
---	-----------

1 INTRODUÇÃO

O Esporte moderno pode ser considerado um fenômeno social de grande abrangência, transpondo barreiras sociais e unindo diferentes realidades dentro de objetivos em comum. O aumento considerável no número de praticantes, além do surgimento constante de novas modalidades esportivas, corroboram com a afirmação de que o esporte tornou-se um dos mais importantes fenômenos sociais destas últimas décadas (TUBINO, 1992; TUBINO, 2000; VIOLA, 2012).

Para Tubino (1992) o esporte passou a ser compreendido através de três dimensões sociais que, segundo o autor, são as formas como esse fenômeno se manifesta. São elas: o Esporte-educação, o Esporte-participação e o Esporte-rendimento. Neste estudo nos debruçaremos sobre a dimensão educacional do esporte, que tem como base conteúdos fundamentalmente educativos, devendo ser considerado um caminho essencial para o desenvolvimento da cidadania plena daqueles envolvidos nessa dimensão.

Alguns autores consideram que sempre existe um componente educacional no esporte, sejam eles positivos ou não (GALLATI, 2015; STIGGER 2013; MACHADO, 2012). Ainda neste sentido, não devemos atribuir ao esporte apenas valores positivos ou negativos, esses valores irão depender da realidade de cada indivíduo que está inserido no esporte. Isso porque este permite diversas trocas de informações e relacionamentos interpessoais, sendo um espaço de constantes processos de educação e coeducação. Além disso, o esporte é um fenômeno que se apresenta de forma heterogênea, ou seja, apresenta diferentes sentidos e valores que irão ser distintos para cada pessoa que o pratica (GALLATI, 2015; STIGGER 2013).

Sendo assim é preciso que os assuntos abordados durante as aulas, de qualquer que seja a modalidade, sejam ricas de conteúdos verdadeiramente educativos, para que o esporte possa realmente cumprir com o seu papel educacional (MACHADO, 2012). Dentre as diversas possibilidades de esportes que podem ser usados como ferramenta de ensino para crianças e jovens, trataremos neste trabalho de um que se enquadra nos chamados Esportes Radicais.

Os Esportes Radicais apresentam fatores relevantes no que diz respeito ao desenvolvimento integral de crianças e jovens, onde estes estarão constantemente em contato com o risco (PEREIRA; ARMBRUST, 2010). Portanto a superação de obstáculos, sejam eles fictícios e imaginários ou até mesmo reais, é uma realidade constante para quem pratica este tipo de esporte (MARINHO, 2009). Assim como o enfrentamento do desconhecido, a superação do medo e daquilo que, num primeiro momento, parece impossível. Desta forma a aventura, a superação de limites e o desafio presente em cada tarefa possibilita um ambiente facilitador do

desenvolvimento de crianças e jovens inseridos nestes contextos (PEREIRA; ARMBRUST, 2010; ARMBRUST, 2012).

Este trabalho, portanto, trata do Surf como ferramenta de ensino dentro de um projeto social. O surf é um esporte radical que possui um íntimo contato com a natureza, além do enfrentamento de riscos, da superação de obstáculos e de desafios, o surf proporciona um bem estar físico e psicológico para aqueles que o praticam (AMARAL; DIAS, 2008). Para as crianças e jovens inseridas neste contexto o surf pode ser um aliado pedagógico importante no desenvolvimento integral destes jovens. Isto porque o surf possibilita o desenvolvimento de habilidades motoras, auxiliando no crescimento e desenvolvimento destes jovens, além de trabalhar aspectos psicológicos como a elevação da autoestima, a cooperação, a interação com o outro e com a natureza (VIEIRA, 2012).

Sendo assim, acredita-se que o surf é uma ferramenta interessante para ser usada dentro de um projeto social, ainda mais na localidade onde este trabalho foi conduzido, onde o surf, o mar e a natureza sempre estão à disposição dos moradores da comunidade.

Os projetos sociais esportivos ganharam força nas últimas décadas, assim como o próprio fenômeno esportivo. Desta forma estes projetos deixaram de ser apenas uma alternativa para complementar as ações do Estado e passaram a assumir um papel primordial no que diz respeito às políticas públicas esportivas (STIGGER; THOMASSIM, 2013). Muitas vezes esses projetos assumem o próprio papel do Estado, sendo em alguns casos o único acesso a lazer, alimentação e até mesmo educação de algumas realidades mais carentes (SANTOS; FREIRE, 2006).

Porém, como já foi dito anteriormente, é preciso que o esporte apresente conteúdos que permitam o desenvolvimento dos alunos, principalmente dentro de projetos sociais. Para que assim o esporte não seja o fim, mas o meio de educação e desenvolvimento de crianças e jovens inseridos nestes projetos. Ainda é importante levar em conta que projetos sociais isolados dificilmente mudarão a realidade de toda a comunidade, já que ele representa uma mínima parte do tempo de vida destes jovens.

É dentro destes contextos que essa pesquisa se desenvolve, buscando elucidar questões ligadas a um projeto social esportivo, que tem o surf como ferramenta de ensino, numa comunidade do Sul da Ilha de Santa Catarina. Investigando os aspectos relacionados com a estrutura organizacional do projeto, assim como os aspectos pedagógicos envolvidos nas aulas do projeto.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Verificar a estrutura organizacional e aspectos pedagógicos de um projeto de desenvolvimento humano por meio do Surf em uma comunidade do sul de Florianópolis.

1.1.2 Objetivos Específicos

Identificar os princípios conceituais e metas do projeto social “Drop do bem”;

Caracterizar as estratégias de ensino aplicadas no projeto social “Drop do bem”;

Analisar os impactos percebidos do programa;

Levantar as desafios encontrados pelos instrutores do projeto social “Drop do bem”.

1.2 JUSTIFICATIVA

A praia e o mar sempre fizeram parte da minha infância, me levando a seguir caminhos que não seriam possíveis em outros ambientes. Como processo natural desse convívio acabei virando surfista e seguindo o caminho da Educação Física. Ainda quando criança tive o privilégio de participar de um projeto social onde era ensinado o *Body Board* (modalidade de surf onde o praticante se desloca pela onda deitado sobre a prancha) e hoje percebo a importância que foi ter esta oportunidade, não só para a escolha do tema para esta pesquisa, mas também para a minha formação como pessoa.

O convívio com o mar, com o surf e também com a comunidade onde vivo fizeram com que eu me tornasse instrutor num projeto social para crianças e jovens de comunidades do Sul da Ilha de Florianópolis. Esse projeto tem como objetivo ensinar o surf para crianças e jovens estudantes de escolas públicas e, muitas vezes, em situação de risco. Mas, como é de se esperar em um projeto social, além de ensinar a prática esportiva também procura possibilitar uma visão de mundo diferente daquela que a maioria das crianças está habituada, dando oportunidades para que estas crianças e jovens, através do surf, possam se tornar cidadãos melhores e mais conscientes.

Na literatura existem diversos estudos tratando da temática (projetos sociais esportivos) com diferentes abordagens, seja verificando as metodologias de ensino utilizadas

durante as aulas, facilitadores e barreiras para a implementação de um projeto social, impacto dos projetos junto às famílias dos envolvidos e até mesmo se os objetivos do projeto estão de acordo com aquilo que é transmitido durante as aulas, entre outros. Porém cada comunidade é um universo, cada realidade difere-se uma das outras e portanto cada projeto social deverá ter uma abordagem distinta, com objetivos e metodologias diferentes. Mesmo assim é de suma importância saber se o projeto, independente de qual seja, cumpre com aquilo que se propõem. Se este realmente modifica a realidade onde está inserido ou apenas ensina os participantes a repetirem gestos motores sem incentivar um pensamento crítico. Se os professores se preocupam em serem exemplos e modelos para seus alunos ou apenas em ensinar o esporte, acreditando que o esporte por si só será objeto de mudança.

Neste sentido esta pesquisa busca contribuir com a literatura científica em se tratando de projetos sociais esportivos. Colaborando para a implementação de futuros projetos sociais em outras comunidades de Florianópolis ou em diferentes partes do país. Além de somar e permitir uma maior discussão sobre implementações de políticas públicas, sejam elas voltadas para os esportes ou não.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O SURF COMO POSSIBILIDADE DE DESENVOLVIMENTO PARA CRIANÇAS E JOVENS

2.1.1 Esporte Educacional

O esporte moderno pode ser considerado um fenômeno social de grande relevância e segundo Tubino (1992) abrange três dimensões sociais, sendo elas: o esporte-educação, que tem como base conteúdos fundamentalmente educativos, devendo ser considerado um caminho essencial para o desenvolvimento da cidadania plena daqueles envolvidos nessa dimensão; o esporte-participação, que segundo o autor “é a dimensão social do esporte referenciado com o princípio do prazer lúdico, e que tem como finalidade o bem-estar social dos seus praticantes” (TUBINO, 1992. p 34). E finalmente, o esporte-performance, que possui muitas críticas mas é uma dimensão importante no que diz respeito a profissionalização do esporte, além de permitir intercâmbios internacionais e culturais, ser um fator gerador de turismo, geração de empregos, entre outros.

Ao tratar sobre o esporte dentro de um Projeto Social devemos levar em consideração diversos fatores inerentes a esta prática, para não cairmos na velha concepção de que o esporte por si só será objeto de mudança para aqueles jovens inseridos neste contexto. Comumente nos deparamos com afirmações que enaltecem a capacidade de “formação moral” do indivíduo através do esporte, dando a entender que o esporte possui características intrínsecas que possibilitam o crescimento pessoal daquele que o pratica.

Para Galatti (2015), nas práticas esportivas sempre existe um componente educacional, que pode ser positivo ou negativo, isso porque o esporte permite diversas trocas de informações e relacionamentos interpessoais, sendo um espaço de constantes processos de educação e coeducação. Ainda neste sentido, Stigger (2013) aponta que não se pode atribuir ao esporte valores unicamente positivos ou mesmo negativos, já que o esporte é um fenômeno que se apresenta de forma heterogênea, ou seja, apresenta diferentes sentidos e valores que irão ser distintos para cada pessoa que o pratica.

Além disso a concepção de “positivo” ou “negativo” é diferente em cada contexto, a depender de quem que está envolvido com a prática. Por exemplo, atividades com caráter muito competitivo são, em alguns contextos, rejeitadas pelo fato de que estas atividades são excludentes, além de selecionar e limitar os possíveis participantes. Por outro lado atividades

competitivas podem ser usadas para elevar a autoestima dos participantes, além de permitirem um maior envolvimento e sentimento de pertencimento para aqueles envolvidos com a atividade (STIGGER, 2013). Portanto o sentido que o esporte recebe na vida e nas experiências de cada um vai depender de quem essa pessoa é e qual é o contexto em que ela está inserida.

Ainda pensando no contexto dos projetos sociais é importante levar em conta que o processo de ensino, vivência e aprendizagem ocorre em três diferentes esferas, sendo elas a educação informal, a educação formal e a educação não-formal. Segundo Machado (2012) a educação informal é aquela que ocorre de maneira não sistematizada e não intencional, ocorrendo muitas vezes de maneira difusa, dispersa e não planejada. É representada pelas relações sociais que existem na vida do indivíduo, podendo estar presente nas mídias e meios de comunicação, assim como nas relações com a família, amigos e vivências adquiridas na rua.

Segundo a autora, os processos de educação formal e não formal se diferenciam do anterior justamente por conter um caráter intencional do ensino, ou seja, os conteúdos são planejados e estruturados. Estas duas esferas se diferenciam entre si pelo fato de que a educação formal possui uma maior estruturação quando comparada com a não formal. Além disso, a educação formal ocorre normalmente no ambiente escolar, enquanto que a educação não formal se dá em outros ambientes como, por exemplo, em atividades extracurriculares, clubes esportivos, centros de treinamento, ONGs e os próprios Projetos Sociais (MACHADO, 2012).

Apesar de o caráter educacional estar sempre presente no esporte, independente do universo em que este está inserido, é necessário que exista um planejamento e estruturação dos conteúdos que serão abordados, seja no ensino formal ou não formal, para que este caráter não se dê como algo que surge sem controle, aleatoriamente, na vida daqueles que estão envolvidos com o esporte (JOAQUIM, 2008). Concordando com essa visão temos a colocação de Viola e colaboradores (2011) onde os autores pontuam que:

“[...] para ser eminentemente educativo, esse ambiente deve apresentar um programa esportivo fundamentado em proposta pedagógica que oriente o professor na promoção de valores, princípios, regras, convívio social, busca de superação de limites individuais, superação de desafios, vivências práticas, debate em grupo, etc., para que estes alunos possam ser críticos, reflexivos, com condutas norteadas pelos valores e virtudes humanas, buscando de fato uma educação para o convívio social através do esporte.” (VIOLA et al., 2011. p. 2)

Sendo assim, apresentaremos a seguir três referenciais teóricos embasados na Pedagogia do Esporte que, impreterivelmente, devem estar contidos em programas que visem um desenvolvimento integral de crianças e jovens, como é o caso de Projetos Sociais

Esportivos, são eles o referencial Técnico-tático, referencial Socioeducativo e referencial Histórico-cultural (PAES, 1996; GALATTI et al., 2008; MACHADO et al., 2011; MACHADO, 2012).

O referencial Técnico-tático “diz respeito à organização e sistematização pedagógica das modalidades esportivas para a vivência e prática das mesmas, além da escolha metodológica para sua aplicação” (MACHADO, 2012. p. 51). Ou seja, este referencial está ligado ao ensino de como realizar a tarefa, as ações motoras, questões físicas, técnicas e táticas que são fundamentais para a vivência e prática das modalidades esportivas (MACHADO; GALATTI; PAES, 2015).

O referencial Técnico-tático deve proporcionar aos alunos a possibilidade de vivenciar diferentes oportunidades como utilizar do esporte em momentos de lazer, utilizar o esporte para manutenção da saúde, possibilidade de ter no esporte um futuro profissional, entre outros. Para que isso ocorra as vivências esportivas devem proporcionar ao aluno uma compreensão da prática a ser exercida, seja em um jogo ou qualquer outra atividade esportiva. Sendo assim, devem ser abordados os aspectos técnicos e táticos de como realizar uma determinada ação motora e os aspectos físicos – força, velocidade, resistência, potência, etc – importantes para uma boa desenvoltura nas atividades (MACHADO, 2012).

O referencial Socioeducativo trata de questões que diferem-se do âmbito procedimental, buscando tratar de valores e atitudes, que devem ser pensados e estruturados nas aulas para assim favorecer a tomada de decisões, o enfrentamento de desafios e uma maior autonomia por parte dos alunos (VIOLA et al, 2011). O referencial Socioeducativo tem como premissa:

“Promover a discussão de princípios, valores e modos de comportamento; Propor a troca de papéis (colocar-se no lugar do outro); Promover a participação, inclusão, diversificação, a coeducação e a autonomia; Construir um ambiente favorável para desenvolvimento de relações intrapessoais e interpessoais (coletivas); Estabelecer relações entre o que acontece na aula de esportes com a vida em comunidade.” (MACHADO; GALATTI; PAES, 2015, p. 407)

Segundo Machado (2012) para que um programa esportivo seja efetivo na questão socioeducativa e assim possa contribuir para o desenvolvimento integral de seus participantes, deve, entre outras coisas, ter uma fundamentação voltada para a promoção de valores, princípios, regras e para o convívio social. Tratando ainda dessa questão, Stigger (2013) afirma que os valores positivos atribuídos ao esporte não surgem espontaneamente da prática, mas das

relações sociais que são estabelecidas em uma prática esportiva bem estruturada. E são essas relações que dão significado a esta prática e não o contrário.

O último referencial é o Histórico-cultural, que tem como objetivo trazer um maior significado para a prática que é exercida. Para Machado, Galatti e Paes (2015) este referencial trata de questões que abordam a história e evolução das modalidades esportivas, ter conhecimento das regras e normas que regem o esporte em questão, saber sobre as principais competições e personalidades de cada modalidade, enfim, conhecimentos que dão um maior significado e sentido para a prática esportiva. Machado (2012) resume as principais questões sobre este referencial quando afirma que:

“O Referencial Histórico-cultural visa fortalecer o trato pedagógico com os conteúdos esportivos na medida em que busca tratar dos conhecimentos que caracterizam o esporte como um elemento cultural e social. Para isso, é fundamental que o aluno conheça a trajetória, a evolução, o surgimento das modalidades esportivas, de eventos esportivos nacionais e internacionais, para contribuir com a influência da apreciação do esporte, o gosto pelo esporte e a ressignificação de tais práticas.” (MACHADO, 2012, p. 68)

O esporte é um fenômeno cultural que abrange muito mais do que apenas realizar uma tarefa motora, é muito mais que fazer um gol, um ponto ou uma manobra. Cabe ao professor ter a sensibilidade de adequar o esporte para o aluno e não o aluno para o esporte, para que assim a prática esportiva permita um desenvolvimento integral do indivíduo em diferentes esferas (GALATTI et al, 2008). Somente assim o esporte poderá superar as expectativas que a ele são atribuídas e realmente se tornar um instrumento de desenvolvimento para aqueles envolvidos com este fenômeno.

Dentre as infinitas possibilidades de utilização do esporte como forma de educação, apresentaremos a seguir uma manifestação do esporte que permite o desenvolvimento através do contato com a natureza e do convívio com o risco, são os chamados Esporte Radicais.

2.1.2 Os esportes Radicais para o desenvolvimento de crianças e jovens

Tendo em vista o que foi exposto até este ponto, é possível afirmar que o esporte traz consigo um caráter educacional, mesmo que não intencional. Porém dentro das diversas possibilidades que o fenômeno esporte oferece, trataremos neste estudo de um esporte que está inserido nos chamados Esportes Radicais. Esta vertente do esporte pode ser considerada nova na cultura dos esportes, já que sua popularização se deu apenas a partir da década de 90. Porém

sua prática já ocorre a muito mais tempo que isso e apresenta fatores relevantes no que diz respeito ao desenvolvimento integral de crianças e jovens (PEREIRA; ARMBRUST, 2010).

Além disso os esportes radicais ganharam visibilidade nas últimas décadas, se tornando objetos de desejo de crianças e jovens, assim reforçando sua condição social e cultural (PEREIRA; ARMBRUST; RICARDO, 2008). Portanto primeiramente devemos tentar compreender o sentido da expressão Esporte Radical e tentar classificar os esportes dentro desse contexto, principalmente o surf, já que este é o instrumento utilizado dentro das aulas do projeto em que este estudo se debruça.

Sendo assim, segundo Uvinha (1997) a expressão Radical possui dois sentidos, um que remete ao campo político (extremismo) e o outro a raiz, a origem de algo, este campo frequentemente é usado pela filosofia. Para Pereira, Armbrust e Ricardo (2008) o Radical é um aglomerador de todas as atividades esportivas de risco, ou seja, a raiz destas atividades. Assim o enraizamento seria possível através da busca por sentir a própria existência, por meio da intensidade das emoções e sensações que são vividas ao enfrentar situações de risco (PEREIRA; ARMBRUST, 2010).

Devemos levar em consideração que o Risco é diferente do Perigo. Perigo pode ser definido como uma situação que ameaça a existência de alguém, podendo ser uma fonte potencial para gerar algum dano e conseqüentemente é percebida como uma situação danosa ou ruim. O risco por sua vez, se caracteriza por ser a possibilidade de uma situação perigosa acontecer, existindo a probabilidade de ocorrer um determinado evento perigoso e suas conseqüências. Sendo assim os esportes radicais podem ser considerados atividades de risco calculado ou fictício (PEREIRA; ARMBRUST, 2010).

Ainda objetivando a conceituação dos Esporte Radicais temos a divisão destes entre esportes de ação e de aventura. O sentido de ação está vinculado ao movimento, a capacidade de fazer algo, as atitudes e comportamentos, além da manifestação de força e energia. Os esportes de ação, geralmente, estão atrelados a realização de gestos técnicos complexos, que tentam transmitir a emoção do praticante, esses movimentos específicos são as chamadas manobras. Os adeptos a esse tipo de esporte normalmente estão sujeitos a formação de tribos, unidos por interesses em comum, vestimentas e linguagens específicas, que tentam traduzir suas atitudes e estilo de vida. A aventura, por sua vez, transmite a ideia de buscar o desconhecido, o imprevisível, aquilo que num primeiro momento não é tangível. Geralmente existe a formação de equipes, com o objetivo de sair de um ponto e chegar a outro, enfrentando as ações do clima e a geografia local (PEREIRA; ARMBRUST; RICARDO, 2008, PEREIRA; ARMBRUST, 2010).

A aventura, portanto, pode ser um aliado importante no que diz respeito ao desenvolvimento integral de crianças e jovens, seja no contexto escolar ou em atividades extracurriculares. Segundo Armbrust (2012) o diferencial dos Esportes Radicais se dá justamente no enfrentamento do risco. Para Marinho (2009) praticantes desta modalidade de esporte apresentam uma íntima relação com a superação de obstáculos, sejam eles físicos ou simbólicos e imaginários, independente de serem grandes obstáculos ou não. Ao estar diante de uma situação de risco, o indivíduo deverá encontrar uma saída para aquela situação.

“Isso implica em aprendizado para o gerenciamento e para uma convivência consciente e assumida a respeito desse enfrentamento. De certo modo, tais experiências modificam a relação da pessoa com as sensações e com o sentimento do medo em diferentes situações cotidianas, vividas individualmente ou nas relações sociais. Aprender a lidar com o medo diminui o isolamento e a fuga do ser humano que se abriga sob atitudes cautelosas e protecionismos em demasia. Pensamos que os riscos estão presentes a todo o momento na vida humana e que é inevitável camuflá-los na tentativa de se proteger” (ARMBRUST, 2012. p 294).

A aventura, portanto, está ligada aos desafios presentes em cada tarefa ou ação, estimulando os alunos a resolução de problemas, ao processo de aprendizagem através da curiosidade, do enfrentamento do desconhecido e da superação de limites. Permitindo desta forma um ambiente facilitador para o desenvolvimento (PEREIRA; ARMBRUST, 2010).

Portanto fica evidente as diversas possibilidades que existem dentro dos chamados Esporte Radicais. Uma dessas possibilidades é o Surf, esporte que é o “combustível” para o projeto social ao qual este estudo se dedica.

Utilizando a classificação que foi vista anteriormente, podemos classificar o surf como um esporte radical de ação, já que a sua prática está atrelada ao movimento, a realização de gestos técnicos (manobras), além da formação de grupos com objetivos e interesses em comum. Neste sentido, Souza e colaboradores (2015) afirma que o surf permitiu uma aproximação do homem com a natureza, além da formação de grupos que possuem interesses parecidos. Esses grupos podem ser considerados “tribos”, pois utilizam uma linguagem própria, com expressões distintas das usadas por pessoas que não pertencem a esse grupo, além de trajes peculiares e uma forma de interagir com o mar que difere do modo como outras pessoas lidam com estas questões (SOUZA, 2003).

Na tentativa de caracterizar e definir este esporte analisaremos a estrutura na qual o surf está baseado, assim como as peculiaridades envolvidas na sua prática. Segundo Moreira (2009) o surf “consiste em deslizar na parede da onda, numa prancha, em direção à praia”.

Apenas nesta afirmação já nos deparamos com alguns aspectos que merecem atenção. No estudo de Souza e colaboradores (2015), é sugerido que o surf pode ser analisado sobre três diferentes componentes, são eles: o espaço onde é praticado, quem o pratica e quais equipamentos são utilizados na prática. Ou seja, “deslizar na parede da onda [...] em direção à praia”, remete ao espaço onde o surf é praticado. O equipamento utilizado para a prática é a prancha e quem o pratica é o surfista que está de pé sobre esta prancha.

O praticante ainda executa manobras (ações motoras) na face da onda e está sujeito a aspectos mecânicos, como forças, velocidade e ângulos, que irão influenciar na execução destas manobras, dependendo da capacidade de interpretação e interação do surfista com o meio (MOREIRA, 2009). Sendo assim o surf se identifica como uma atividade de caráter psicomotriz, que é realizada em meio líquido, onde o praticante se utiliza da própria energia do meio para deslizar sobre uma superfície instável (BELTRÁN; BELTRÁN, 1995).

Portanto fica evidente a importância da interação do praticante com o meio no qual ocorrerá a prática. Essa prática se dá, geralmente, em meio natural, tendo um íntimo contato com a natureza e suas facetas. É justamente esta interação com a natureza que leva muitos praticantes a aderirem o surf em suas vidas. Além da possibilidade de interação com a natureza o surf também proporciona bem estar físico e mental para aqueles que o praticam, sendo estes dois motivos, somados as sensações e emoções que a prática do surf proporcionam, que levam os praticantes desta modalidade a aderirem o surf como uma prática quase que diária (AMARAL, DIAS; 2008).

As sensações que o surfista vivencia durante a prática do surf é denominada por Matos e colaboradores (2016) como “flow”, que é um conjunto de sentimentos positivos, como por exemplo a sensação de liberdade, que ocorre quando o praticante está concentrado apenas na tarefa. Desta forma muitos surfistas tem o surf como uma terapia, um meio de se “desligar” das obrigações e estresses da vida na cidade, buscando uma atividade que proporcione emoções corporais intensas, além de um desafio pessoal e de uma interação íntima com a natureza (AMARAL, DIAS; 2008).

Quando tratamos mais especificamente sobre crianças e adolescentes envolvidas com o esporte, Vieira (2012) afirma que o surf, assim como outras modalidades esportivas, pode ser um grande aliado pedagógico, auxiliando no desenvolvimento integral deste grupo, isto porque:

“[...] desenvolve as habilidades motoras, essenciais para a alfabetização, físicas, pois auxilia no desenvolvimento e crescimento e psicológico porque desenvolve algumas competências como a cooperação, a interação com o

outro e com a natureza e a elevação da autoestima, aspecto tão importante para a construção de sua identidade social” (VIEIRA, 2012. p. 21)

Ainda neste sentido uma pesquisa realizada com adolescentes em situação de vulnerabilidade social constatou que o surf pode proporcionar diversos benefícios para este grupo. Os pesquisadores verificaram que o projeto permitiu uma evolução positiva no que diz respeito ao autoconhecimento, a exploração, o esforço e perseverança, a resolução de problemas, a gestão do tempo, as competências de grupo, as relações interpessoais e a regulação emocional entre as crianças e adolescentes participantes. Os autores concluíram que utilizar o surf como um instrumento de intervenção psicoterapêutico em jovens inseridos num contexto de vulnerabilidade social parece ser benéfico para um estilo de vida saudável, para o bem-estar e ainda para as competências pessoais e sociais destes jovens (MATOS et al, 2016).

Sendo assim fica evidente a possibilidade de utilizar o surf como ferramenta de ensino dentro de um projeto social esportivo para crianças e jovens. A seguir discutiremos os aspectos envolvendo projetos sociais esportivos, onde estes estão inseridos na sociedade e quais os principais fatores atrelados a esta prática.

2.2 O ESPORTE EM PROJETOS SOCIAIS

2.2.1 Projetos Sociais Esportivos e o Terceiro setor

Ao analisarmos Projetos Sociais devemos tentar compreender em que setor da sociedade estes estão inseridos, para que assim seja possível uma maior discussão sobre sua atuação na sociedade, seus objetivos, público alvo, sua forma de organização e os possíveis apoios necessários para sua implementação. Sendo assim é possível afirmar que Projetos Sociais estão inseridos no que alguns autores chamam de “Terceiro Setor”.

Antes de dialogarmos sobre a existência do terceiro setor é importante compreender que o “Primeiro Setor” se caracteriza como as ações promovidas pelo Estado e o “Segundo setor” seria o mercado, instituições que tem o lucro como objetivo de sua existência. O terceiro setor se caracteriza, então, por ações não governamentais e que não visam o lucro (FERNANDES, 1997). Segundo Falconer (1997) terceiro setor é um termo usado para se referir as ações com caráter social realizadas por empresas, as fundações e organizações sociais que são organizadas pelo poder público e também ao trabalho voluntário realizado pelos cidadãos. Ainda segundo o autor este setor tem como objetivo renovar os espaços públicos, resgatar a cidadania e a solidariedade, humanizar o capitalismo e ainda, se for possível, superar a pobreza.

No Brasil o Terceiro Setor assumiu uma característica diferente de outros países, como por exemplo os Estados Unidos. Enquanto que lá o objetivo deste setor é se independizar dos outros setores, aqui o que ocorre é uma “parceria Inter setorial” (FALCONER, 1997). Neste sentido Fernandes (1999) expõem que deve existir uma complementariedade entre os setores, já que, segundo o autor, “sem o Estado o Terceiro Setor sucumbiria a Anarquia” (FERNANDES, 1999, p. 30). Além disso o autor conclui que sem o Mercado o Terceiro Setor não teria as características que lhe dão o nome. Se não existisse a independência do Mercado não seria possível existir também a independência do Terceiro Setor.

Para Falconer (1997) o perfil das organizações do Terceiro Setor no Brasil reflete um problema de competência na gestão. Por operarem em um meio desfavorável, muitas vezes sem apoio do governo e sem recursos financeiros as organizações se perdem em meio a um ciclo vicioso: a falta de recursos humanos capacitados, levando a um gerenciamento inadequado, somados a falta de dinheiro e assim apresentando resultados insuficientes. Ainda segundo o mesmo autor, esse é o perfil de uma grande parte dos Projetos Sociais existentes no Brasil e quebrar esse ciclo vicioso só seria possível através da interação e do diálogo entre Estado, Mercado e organizações do Terceiro Setor.

Estando inseridos no Terceiro Setor e sendo uma parte primordial deste, os Projetos Sociais Esportivos vem se consolidando, nas últimas décadas, como um modelo importante no que diz respeito tanto as políticas públicas como ao tratamento que o esporte recebe nessas políticas (STIGGER; THOMASSIM, 2013). Ou seja, estes projetos se tornaram modelos dominantes e deixaram de ser apenas uma alternativa acessória e que complementem as ações do Estado. Na realidade muitas vezes estes projetos assumem o próprio papel do Estado, sendo em muitos casos, a única alternativa para que populações mais carentes tenham acesso a alimentação, lazer e educação (SANTOS; FREIRE, 2006).

Para Santos e Freire (2006), além de complementarem as ações do estado, estes projetos proporcionam e estimulam o desenvolvimento integral de crianças e jovens, permitindo que estes tenham contato com o ensino de competências fundamentais para o seu desenvolvimento, como aprender a trabalhar em grupo, reconhecer que mesmo sendo crianças e jovens são protagonistas de suas próprias vidas e permitem a discussão das normas que são impostas pela sociedade para eles.

Os Projetos Sociais Esportivos buscam, na maioria das vezes, diminuir o risco social de crianças e jovens através de ações que proporcionem o desenvolvimento pessoal e social, também tem o objetivo de preservar a integridade física, psicológica e moral dos participantes,

como consequência estes projetos auxiliam na diminuição do tempo ocioso e assim permitem que o risco ao qual estes jovens estão inerentes seja diminuído (SANTOS; FREIRE, 2006).

Portanto, nestes projetos o Esporte e a Educação Física assumem um papel importante no que diz respeito a forma como estas ações se desenvolverão. Machado e colaboradores (2011) afirmam que o esporte e suas diferentes modalidades fazem parte da cultura infantil e que a iniciação esportiva e o primeiro contato com uma prática sistematizada destas modalidades se dão em escolas, clubes, academias, prefeituras e ONGs (onde geralmente estão inseridos os Projetos Sociais Esportivos).

Para que estas práticas esportivas atinjam seus objetivos e sejam realmente efetivas e educativas, Machado e colaboradores (2011) apresentam alguns pontos que devem ser levados em conta, como a sensibilidade dos professores para apresentarem os elementos que constituem o esporte (regras, estratégias, fundamentos, táticas de jogo, etc) de maneira simples e gradual, de acordo com as capacidades físicas, motoras, cognitivas, emocionais e sociais das crianças e jovens que estão se inserindo num novo processo.

Também é importante que os objetivos propostos se afastem do âmbito puramente recreacional assim como não busquem por resultados imediatos. Apesar disso deve-se levar em consideração que mesmo não objetivando resultados imediatos as atividades proposta por Projetos Esportivos deve prezar por uma sistematização pedagógica nos conteúdos, para que estes possam favorecer um ambiente verdadeiramente educativo em diferentes esferas (MACHADO et al., 2011).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa o qual, segundo Santos e Moretti-Pires (2012) possui a intenção de compreender os significados das informações qualitativas provenientes de uma determinada realidade. Ou seja, compreende um conjunto de procedimentos metodológicos que permitem a interpretação de determinado tema. Segundo os autores, as pesquisas dessa natureza, no contexto da Educação física, possuem um forte apelo educacional.

Quanto aos objetivos, está é uma pesquisa descritiva e exploratória (GONÇALVES, 2007). Descritiva pois possui o objetivo de descrever uma determinada realidade, abrangendo características de um determinado grupo, através de diferentes procedimentos. E exploratória

por ter como finalidade se aprofundar em um assunto específico, que possa ter sido pouco explorado ou não, com a intenção de formular problemas ou ideias mais precisas, permitindo que o tema possa ser analisado em estudos futuros (GOLÇALVES, 2007).

3.2 CONTEXTO DE INVESTIGAÇÃO: O PROJETO “DROP DO BEM”

O projeto Drop do Bem está inserido na Praia do Matadeiro, no sul da Ilha de Florianópolis. A praia do Matadeiro é uma localidade que possui uma íntima relação com o surf, sendo uma praia que é bastante procurada por surfistas da ilha de Florianópolis, a depender das condições do mar. Suporta ondulações de diferentes tamanhos e apresenta boas condições de surf para praticantes com diversos níveis de habilidade, desde iniciantes na modalidade, até atletas profissionais.

Apesar de apresentar condições favoráveis para a prática do surf observou-se que poucas crianças da comunidade estavam inseridas em alguma prática esportiva fora da escola. Muitas destas crianças estavam vulneráveis ao envolvimento com o uso de drogas e a criminalidade. Tendo em vista esta realidade e aproveitando a estrutura natural que a comunidade possui, em janeiro de 2015 foi realizada a primeira aula do projeto Drop do Bem, inicialmente contando apenas com a doação de duas pranchas usadas e muita vontade, dos envolvidos, em mudar a realidade destas crianças (DESCRIÇÃO TÉCNICA DO PROJETO, 2017).

Mesmo sem um apoio inicial, o projeto começou a tomar forma, o número de crianças foi aumentando gradativamente, assim como a participação de alguns pais e instrutores voluntários. Um fator importante para a continuidade do projeto foi a parceria com a Associação de Surf do Matadeiro e Armação (ASM), bem como com a escola de surf Matadeiro Surf Club. Contando com a estrutura física e com os materiais da escola de surf, além do respaldo da ASM, o projeto ganhou força e visibilidade na comunidade, podendo atender um número maior de crianças com segurança e qualidade.

Para que os objetivos e metas propostos fossem atingidos o projeto contou, no ano 2017, com recursos oriundos da Prefeitura Municipal de Florianópolis através do Fundo Municipal de Desenvolvimento da Criança e Adolescente (FMDCA) compactuando com a tendência da maioria das ações do Terceiro Setor no Brasil, onde existe uma parceria entre os diferentes setores na sociedade (FALCONER, 1997). Já no ano de 2018, o auxílio financeiro não foi renovado e o projeto voltou a ocorrer de maneira voluntária, atendendo um número

menor de crianças e sendo realizado apenas com instrutores e pais voluntários, a fim de não deixar as atividades do projeto paradas.

3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Para atingir os objetivos propostos para o presente estudo foram selecionados o idealizador e três instrutores do projeto Drop do bem. Estes foram selecionados de maneira intencional e por conveniência, a depender do elevado grau de envolvimento destes indivíduos no desenvolvimento no projeto, bem como da motivação e da disponibilidade para participar da pesquisa. Para que as identidades dos participantes sejam preservadas, neste trabalho eles estão identificados como Idealizador, Instrutor 1, Instrutor 2 e Instrutor 3. As características dos entrevistados são apresentadas a seguir no Quadro 1.

Quadro 1 – Características dos participantes da pesquisa.

Participante	Idade (anos)	Tempo de atuação no projeto (anos)	Formação profissional
Idealizador	44	4	Bacharelado em Geografia
Instrutor 1	38	1	Licenciatura plena em Educação Física
Instrutor 2	26	1	Ensino Médio completo
Instrutor 3	29	4	Ensino Médio completo

Fonte: Os autores (2018).

3.4 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Primeiramente, a coleta de dados se deu com o Idealizador e, em seguida, com o Instrutor 1, o qual exercia a função de responsável técnico do projeto, e então, obteve-se informação dos outros dois instrutores (2 e 3). Este procedimento justifica-se pelo fato de que o Idealizador e o Instrutor 1, no momento de realização do estudo, possuíam maior responsabilidade nos desdobramentos do projeto. Além disso, o idealizador estava ligado diretamente aos aspectos contidos nos documentos oficiais do projeto.

Para tanto, utilizou-se como instrumento de obtenção dos dados um roteiro de entrevista semiestruturada e a análise documental. A entrevista consiste em uma conversa de caráter profissional, geralmente entre duas pessoas e proporciona ao pesquisador coletar informações relacionadas diretamente ao objetivo da pesquisa, sendo uma das fontes de coletas de dados

mais comuns em pesquisas qualitativas (SANTOS; MORETTI-PIRES, 2012). Optou-se pela entrevista semiestruturada, pois este tipo de entrevista permite uma maior flexibilidade por parte do entrevistador e do entrevistado, já que não existem perguntas fechadas e sim temas geradores que irão nortear o tema da conversa entre o entrevistador e o entrevistado.

Buscando atingir os objetivos propostos por esta pesquisa foram abordados, nas entrevistas, diferentes temas para os instrutores do projeto e para o idealizador. Os temas que nortearam as entrevistas com os instrutores foram: Filosofia do instrutor de surf; Os conhecimentos do instrutor sobre os alunos; As estratégias utilizadas pelo instrutor; A avaliação dos resultados da intervenção do instrutor; Os desafios enfrentados pelo instrutor. Já na entrevista realizada com o idealizador do projeto os temas norteadores foram: Idealização geral do projeto; Alcance das metas; Avaliação do andamento do projeto. Os roteiros de entrevista semiestruturada utilizadas com instrutores e idealizador encontram-se nas apêndices deste trabalho.

As entrevistas foram realizadas nas residências dos entrevistados e também do entrevistador, já que todos moram no mesmo bairro, em dias e horários distintos, a depender da disponibilidade de cada um dos entrevistados. A duração das entrevistas variaram entre 40 minutos e 97 minutos. Sendo todas realizadas pelo mesmo pesquisador. As entrevistas foram gravadas utilizando um gravador eletrônico e transcritas, literalmente, com auxílio dos softwares *iTunes* e *Microsoft Office Word* (versão 2013).

Foi utilizada também, a técnica da análise documental, onde os dados são obtidos através da pesquisa em documentos, escritos ou não. Neste estudo, foram analisados os documentos oficiais do projeto, disponibilizados pelos responsáveis. Sendo coletados, destes documentos, dados que permitiram levantar os objetivos e metas do projeto e, dessa maneira, traçar uma identidade para o projeto Drop do bem.

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados obtidos por meio das entrevistas foi realizada através do método de análise temática, dedutiva e indutiva. A análise temática é considerada um método analítico qualitativo que tem como objetivo identificar, analisar e relatar padrões, ou temas, dentro do conjunto de dados obtidos pelo pesquisador (BRAUN; CLARKE, 2006). Segundo Braun e Clarke (2006) existem seis fases de análise dos dados (Quadro 2), porém os autores pontuam que estas fases compreendem diretrizes e não regras, devendo assim, haver uma flexibilidade para possíveis ajustes em cada etapa da análise. É importante levar em consideração que o

processo de análise não ocorre de uma maneira linear, onde o pesquisador irá de uma fase para a próxima de forma simples e direta. O processo geralmente ocorre de maneira repetitiva, ou seja, a análise irá transitar para frente e para trás ao longo das fases, a depender da necessidade da pesquisa.

Quadro 2 – Fases da Análise Temática.

Estágio	Descrição do processo
1. Familiarizando-se com seus dados:	Transcrição dos dados (se necessário), leitura e releitura dos dados, apontamento de ideias iniciais.
2. Gerando códigos iniciais:	Codificação das características interessantes dos dados de forma sistemática em todo o conjunto de dados, e coleta de dados relevantes para cada código.
3. Buscando por temas:	Agrupamento de códigos em temas potenciais, reunindo todos os dados relevantes para cada tema potencial.
4. Revisando temas:	Verificação se os temas funcionam em relação aos extratos codificados (nível 1) e ao conjunto de dados inteiro (Nível 2), gerando um "mapa" temático da análise.
5. Definindo e nomeando temas:	Nova análise para refinar as especificidades de cada tema, e a história geral contada pela análise; geração de definições e nomes claros para cada tema.
6. Produzindo o Relatório:	A última oportunidade para a análise. Seleção de exemplos vívidos e convincentes do extrato, análise final dos extratos selecionados, relação entre análise, questão da pesquisa e literatura, produzindo um relatório acadêmico da análise.

Fonte: Braun e Clarke (2006).

Ao final dos processos de análise foram estabelecidos alguns temas e subtemas para as entrevistas com os instrutores e idealizador, onde foram organizados de maneira que dessem suporte para responder aos objetivos específicos deste trabalho (Quadro 3).

Também foi possível afirmar que a análise temática foi do tipo dedutiva em um primeiro momento e indutiva num segundo momento. Dedutiva pois alguns dos temas já haviam sido construídos e levantados previamente nos roteiros de entrevista, com objetivo de que estes temas fossem abordados nas entrevistas (categorias *a priori*). Porém foi possível perceber que algumas temáticas surgiram sem que houvessem questões específicas sobre estas e apareceram em diversas falas. Além disso os temas encontrados não estavam, necessariamente, organizados ou padronizados nas questões levantadas e encontravam-se, muitas vezes, dispersos no conjunto de dados (temáticas *a posteriori*). Portanto pode-se caracterizar essa segunda fase da análise temática como indutiva.

Quadro 3 – Matriz de análise dos dados.

Objetivos específicos	Categorias <i>a priori</i>	Temáticas <i>a posteriori</i>
Princípios conceituais e metas	Metas	<ul style="list-style-type: none"> - Aproximar Escola e Família; - Promover o Surf como esporte seguro, saudável, transformador e profissional; - Melhorar o desempenho escolar; - Melhorar a qualidade de vida através do acompanhamento Biopsicossocial; - Valorizar a divulgar o projeto como ferramenta de transformação social; - Consolidar o proponente do projeto do ponto de vista da gestão no terceiro setor;
	Filosofia do Instrutor de surf	<ul style="list-style-type: none"> - Influência do surf na vida dos envolvidos; - Missão pessoal dos instrutores; - Pontos principais a serem ensinados; - Papel dos alunos nas aulas; - Influência do projeto na vida dos envolvidos;
	Conhecimentos sobre os alunos	<ul style="list-style-type: none"> - Características dos alunos; - Relação professor/aluno; - Relação alunos/alunos; - Fatores motivacionais para frequentar as aulas;
Estratégias de ensino	Conteúdos de Ensino	<ul style="list-style-type: none"> - Aprimoramento físico; - Técnica; - Conhecimentos sobre o mar e variáveis naturais; - Segurança; - Conceitos sobre a modalidade; - História;
	Atividades de Ensino	<ul style="list-style-type: none"> - Exercícios funcionais; - Competitivas; - Cooperativas; - Lúdicas;
Impactos	Objetivos pessoais dos instrutores	<ul style="list-style-type: none"> - Crescimento profissional; - Evolução técnica; - Evolução dos alunos;
	Objetivos do projeto para os alunos	<ul style="list-style-type: none"> - Aumento da responsabilidade; - Melhora do desempenho escolar; - Disponibilizar uma prática cara de forma gratuita; - Ocupação do tempo ocioso;
	Impactos percebidos	<ul style="list-style-type: none"> - Mudanças nas atitudes; - Proporcionar uma visão de mundo diferente; - Evolução técnica na modalidade;
Desafios	Dificuldades encontradas	<ul style="list-style-type: none"> - Preencher as vagas ofertadas; - Planejamento; - Faixa etária muito ampla; - Fim da verba disponível.

Fonte: Os autores (2018)

4 RESULTADOS

Para uma melhor compreensão e entendimento do que se propõem a atingir com esse estudo, os resultados estão apresentados em quatro tópicos, a saber: Princípios conceituais e metas do Projeto Drop do bem; Estratégias de ensino utilizadas pelos instrutores; Impactos percebidos e os Desafios encontrados pelos instrutores.

4.1 PRINCÍPIOS CONCEITUAIS E METAS DO PROJETO DROP DO BEM

Neste tópico será tratado dos princípios que norteiam o projeto, abordando as metas que o projeto se propõe a alcançar, como surgiu a ideia de criar o projeto, quais os princípios conceituais que Idealizador e Instrutores se baseiam e como é o contexto em que o projeto está inserido.

Não é difícil perceber a paixão e admiração que os praticantes de surf tem com o esporte, assim como não foi difícil perceber essa paixão nas falas dos entrevistados. Existe, entre os envolvidos com o projeto, uma grande influência do surf na vida de cada um, em diferentes aspectos. Em alguns casos o esporte interferiu em diversas escolhas e segue interferindo no seu dia-a-dia, como é possível perceber nas falas a seguir.

“Mas o surf foi muito importante pra mim por decisão de vida, até pra eu me mudar e vir morar em Florianópolis, foi o fator principal, esse contato e proximidade com o mar. E só me trouxe coisas boas na vida, [...]” (Instrutor 1)

“A prática do surf pra mim é como se fosse uma religião, mais do que um estilo de vida. O surf faz parte da minha vida desde que eu me conheço por gente, desde pequeno eu surfo, estou em contato com o mar. E o surf é um dos fatores que mexe com o meu humor, mexe com a minha vida, mexe com meu jeito de tratar as pessoas, meu próprio jeito.” (Instrutor 3)

“E as vezes no meio da semana né, eu tenho aquela... eu faço as minhas atividades físicas assim só pra chegar no final de semana e tá bem pra surfar. Então, cara, surfar pra mim assim é... faz parte da minha vida, sabe? É... cara é um amor, uma paixão!” (Idealizador)

E essa influência existe não apenas em questões pessoais, mas também em questões profissionais e na formação do caráter de cada indivíduo.

“O surf é o que me ensinou a ser quem eu sou, o surf me ensinou caráter, o surf me deu a profissão que eu tenho hoje, o surf é *hobby*, o surf já foi a minha profissão [...]” (Instrutor 2)

Logo fica claro o papel e a importância que o surf tem na vida dos envolvidos com o projeto. Existe entre os instrutores uma vontade de transmitir aos alunos tudo aquilo que o surf e as experiências de vida ensinaram para eles. Buscando, através disso, serem exemplos de vida e incentivadores na evolução e desenvolvimento pessoal dos alunos. Também é possível perceber um sentimento de dever, de querer retribuir as oportunidades e ensinamentos adquiridos, seja com o surf ou com outras questões. Isto é perceptível nas falas dos instrutores, principalmente quando indagado sobre a missão pessoal de cada um dentro do projeto.

“Eu acredito que, um princípio meu, como eu me formei na universidade federal, pública, eu acho que eu devia algo, como cidadão, em retorno pro meu país. Principalmente pra localidade que eu escolhi viver, que é a Armação.” (Instrutor 1)

“Então mostrar que tem outro caminho, que não é só aquela vidinha fútil que tão vivendo hoje em dia. E poder passar pra eles um pouco da maturidade e do respeito ao próximo, da calma, do ser ser-humano, assim, que o surf me ensinou viajando o mundo a fora, conhecendo outras culturas e tal.” (Instrutor 2)

“Po, ser um instrutor do Drop cara... po eu me sinto lisonjeado. Porque nossa comunidade tem muita coisa ruim acontecendo e ser um instrutor do Drop pra mim é ser como se fosse exemplo pra essa molecada, assim saca? Tentar passar o que eu aprendi com os mais velhos e hoje em dia eu que to ficando velho e to meio que passando isso ai.” (Instrutor 3)

Por mais que os objetivos do projeto social estejam alinhados, os objetivos pessoais e aquilo que cada instrutor acredita ser mais importante a ser ensinado para os alunos será diferente para cada um, a depender das suas concepções pessoais. Mesmo assim percebe-se a

vontade dos instrutores em transmitir, de uma maneira natural, os valores que estão, ou deveriam estar, atrelados ao esporte. Ou seja, os instrutores esperam que com o esporte seus alunos se tornem pessoas melhores, aprendam a respeitar o próximo, a ter educação, disciplina, adquiram hábitos saudáveis. Além de terem o contato com a técnica específica do esporte, que eles vivenciem uma prática esportiva prazerosa, possibilitando um bem-estar e evolução pessoal.

Por mais que o surf seja uma prática corriqueira na localidade onde o projeto está inserido foi possível perceber que poucas crianças da comunidade praticavam essa atividade. Por fatores diversos, que não cabem a esse trabalho, não se via crianças do bairro surfando. E esse foi um dos motivos que levou ao surgimento do projeto.

“Primeiro, sempre tive uma vontade de retribuir tudo o que o surf trouxe de bom pra mim né?! Então foi uma forma de retribuição. E segundo, a gente começou a observar [...] que realmente não tinha mais crianças praticando o esporte, no nosso caso específico, crianças surfando. Chegava lá no Matadeiro, só olhava e não tinha uma criança, cara. E é verdade, não tinha uma criança. Quando tinha alguma criança, era alguma criança que vinha de fora pra surfar aqui. E crianças do nosso bairro a gente não tinha.”
(Idealizador)

Foi com base nestas questões que o projeto se iniciou, segundo o Idealizador do projeto, buscando ser uma ferramenta de transformação social para crianças e jovens através de um esporte com pouca participação no ambiente escolar, que tem um custo elevado em equipamentos, mas com muitas possibilidades de ensino e desenvolvimento pessoal.

Portanto o projeto tem como objetivo atingir as crianças e jovens de bairros do Sul da Ilha de Florianópolis, estudantes de escola pública e que, possivelmente, se encontrem em situação de risco social, como por exemplo a falta de estrutura familiar e/ou estrutura financeira. Sendo esses cenários os mais propícios para que estes jovens se envolvam precocemente com a criminalidade. Por mais que o Sul da Ilha não seja uma localidade com grandes riscos sociais, como em outros locais de Florianópolis, é possível perceber que muitos jovens se envolvem com o tráfico de drogas ainda muito novos, procurando através deste caminho uma melhor condição financeira ou, até mesmo, ascensão social.

Ao analisarmos o contexto no qual o projeto estava inserido, principalmente em se tratando do público alvo, é possível perceber que nem tudo aquilo que foi idealizado foi possível

de ser cumprido. Realmente a maioria dos beneficiários do projeto possuíam uma renda baixa e até mesmo alguns com grandes situações de risco social. Mas também existiam alguns com um certo poder aquisitivo e ótima estrutura familiar. Assim como nem todos os alunos do projeto estudavam em escola pública, apesar de que os estudantes de escolas particulares eram uma minoria entre os alunos do projeto. Mais à frente será comentado sobre esses assuntos, no tópico Desafios. Sobre as características dos alunos o Instrutor 1 comenta que:

“Então a gente teve primeiramente a intenção de ofertar essas vagas pra rede pública mas a gente acabou recebendo também outros alunos. E a faixa etária a gente tentou pegar ali do ensino básico, do 1º ao 9º ano.” (Instrutor 1)

Com relação ao nível de surf dos alunos, assim como seus conhecimentos sobre o mar, foi comentado que a maioria não possuía nenhum conhecimento antes de fazer parte do projeto, apenas alguns que já surfavam a um pequeno período de tempo. Mas na maioria os alunos começaram a dar seus primeiros passos na modalidade dentro do projeto.

A relação instrutor/aluno foi um fator que chamou atenção durante as análises, foi possível perceber que essa relação extrapola os limites da aula em si e acontece em diversas situações e contextos. Muitas vezes o instrutor se vê como um incentivador de boas atitudes, alguém que não está ali apenas para ensinar uma modalidade esportiva, mas sim toda uma filosofia de vida. Essas relações aparecem nas seguintes falas:

“Na real que fazer parte do Drop do Bem o cara se relacionava com a molecada fora da aula. Sempre trombava na rua, [...] até hoje né?! Tu vê a galera e eles ‘po tá ali o (nome do instrutor) do Drop ali’.” (Instrutor 3)

“Então eles já me conheciam do ambiente escolar [...] e aqui do bairro também, de estar surfando junto de estar na água e encontrar eles e tal, na rua no bairro né. E as vezes em momentos que eu não queria encontrar eles porque o horário já não era o ideal pra eles estarem acordados né, a noite.” (Instrutor 1)

Todos os instrutores entrevistados acreditam que é importante ter uma boa relação com os alunos e que essa relação deve ser feita da forma mais sincera e natural possível. Sempre tratando os alunos com respeito para também serem respeitados. Também era importante saber

que existia sim uma hierarquia, mas que as relações deveriam ocorrer de maneira mais horizontal possível.

As relações entre os próprios alunos também foi um dos fatores que foram levantados. Sendo pontuado que no início do projeto eles se relacionavam de forma desordenada, com muita bagunça e tendo uma relação não muito amigável, talvez pelas diferenças de idade ou por ser um grupo muito heterogêneo, onde nem todos frequentavam o mesmo círculo social. Mas que no decorrer do processo esse relacionamento foi evoluindo, ficando mais tranquilo e formando um laço de amizade e até mesmo um sentimento de família entre os alunos do projeto.

“No início era mais complicado (a relação entre os alunos) porque a gente criou um grupo, eles não eram colegas na escola. Eles estavam em anos diferentes e tem essa coisa do mais velho, mais novo.” (Instrutor 1)

“[...] Dava pra ver que eles eram bem bagunceiro, uma galera de muita zoação e ao longo do tempo começaram a se tornar meio que uma família, assim, começaram a andar juntos. E agregou até diferentes, na mesma tribo ali do Drop, agregou até gente que não andava junto e começaram a andar juntos depois do Drop. Hoje em dia eles andam de skate tudo junto, eles tem um ciclo de amizades assim.” (Instrutor 3)

“[...] Então acho que isso tudo juntou depois dentro do orgulho de ser a ‘Família Drop do Bem’, ali. Tudo se encaixou e até hoje eles tem orgulho de ter participado.” (Instrutor 2)

Quando levantada a questão de quais seriam os motivos que faziam os alunos frequentarem e permanecerem no projeto as respostas convergiram pra um mesmo caminho. Os instrutores pontuaram que o lanche oferecido ao final das aulas era um dos motivos que, no início, faziam muitos dos alunos irem para as aulas. Contudo o fator que motivava eles a permanecerem no projeto foi apontado como sendo a evolução deles no esporte, o compromisso com essa evolução técnica, de aprenderem a surfar e melhorar a sua técnica no surf. Também foi comentado sobre o status que a modalidade oferece aos seus praticantes e a possibilidade de que o surf possa ser uma válvula de escape para questões pessoais.

“Inicialmente o que era o grande atrativo era o lanche e o açaí. Isso não tem como negar, não tem como a gente ser hipócrita porque a gente estava num

projeto social em que muitas crianças ali não tinham as refeições diárias contempladas.” (Instrutor 1)

“Mas depois eu acho que o principal era a evolução, eu via que eles eram muito comprometido com passar as etapas do surf, [...]. Então eu acho que essa evolução, essa evolução técnica, foi um grande compromisso deles, que fazia eles voltarem todos os dias ne. Querer aprender algo novo, porque todo dia a gente aprendia algo novo ali [...].” (Instrutor 1)

“Acho que o surf né, as aulas de surf, o surf em si atraíam elas. E o status também né, de ser surfista [...]. E fazer parte da tribo do surf acho que é o lance que mantinha eles no projeto.” (Instrutor 3)

“No geral acho que era isso, buscar a melhoria ali deles, a válvula de escape, melhorar no surf, o lanchinho claro. E depois eles também foram se orgulhando de fazer parte daquele grupo.” (Instrutor 2)

Nos documentos oficiais do projeto foi possível levantar algumas metas nas quais o projeto se propõem a alcançar. Muitas vezes essas metas não apareciam, de forma direta, nas falas dos instrutores, mas foi possível perceber algumas similaridades entre o que aparece nos documentos e o que foi relatado nas entrevistas. A exemplo disso, uma das metas descritas nos documentos é “Promover o Surf como esporte seguro, saudável, transformador e profissional”, que segundo o documento seria possível pela presença no projeto de Educador físico, guarda-vidas e instrutores com experiência profissional com o surf. A questão segurança apareceu em diversas falas, assim como a questão saúde e a possibilidade de transformação através do surf, como é possível verificar nos exemplos a seguir.

“O primeiro é a segurança, o aluno entrar numa aula, ter a segurança e sair numa aula seguro, do mesmo jeito que ele entrou, até mais feliz.” (Instrutor 3)

“Mas eu acho que o fator segurança, pra mim, é o principal. O instrutor tem que ter um conhecimento mesmo de correntes, correntes de retorno e tentar passar isso pro aluno, pra evitar situações de risco, pra que essa prática seja prazerosa.” (Instrutor 1)

“A minha parte principal com os alunos era que eles adquirissem hábitos saudáveis de vida, que eles conseguissem enxergar no surf uma possibilidade de mudanças de hábitos diários.” (Instrutor 1)

O projeto se propõem também a “melhorar a qualidade de vida” e “aproximar escola e família”. Diante destas metas não foi possível encontrar falas diretas que apontassem para essas direções, apesar de que muitas vezes a questão escola estar presente nas respostas.

Outra meta proposta é “Melhorar o desempenho escolar”, reduzindo a evasão escolar e aumentando as notas em avaliações escolares. Com relação a esta meta o Instrutor 1, que atua como professor de Educação física escolar na rede pública, é quem dá mais atenção, mas é possível perceber que existia entre os envolvidos com o projeto essa preocupação e atenção com o desempenho escolar dos alunos. Quando foi levantada a questão de qual a missão pessoal que cada um tinha como instrutor a resposta do Instrutor 1 foi:

“Então eu acho que ser instrutor do Drop é isso, é ser um pouco, além de professor, ser amigo e ter essa preocupação com o desempenho escolar deles, a presença, a frequência deles em aula, [...]” (Instrutor 1)

Já o Instrutor 2 aponta como uma das influências que o projeto teve na vida dos envolvidos uma melhora dos alunos na escola e a responsabilidade que o projeto exercia na relação escola/alunos/projeto:

“[...] E pra comunidade desde a escola, que eles mudaram na escola. A escola não era mais ‘ah vou lá falar com os pais, mas os pais não tão nem ai’. Não, eles tinham com quem falar, que era a gente, os instrutores, que nós iríamos tomar providências pra que eles melhorassem, [...] parece que o papel da família estava com a gente assim, ali junto da escola. Qualquer problema vinha e a gente podia resolver [...]” (Instrutor 2)

Ainda nesta questão o Instrutor 1 comenta que:

“Então eu acho que isso foi uma coisa muito importante, da questão do desempenho escolar e da importância deles darem pra escola, os estudos e se manterem ocupados com coisas saudáveis e coisas boas, [...]” (Instrutor 1)

Aparecem ainda nos documentos metas de caráter mais administrativos como “valorizar e divulgar o projeto como ferramenta de transformação social”, com criações e divulgações de vídeos e publicações em redes sociais relacionados com a temática. E também “Consolidar o proponente do projeto do ponto de vista da gestão no terceiro setor”, que objetiva gerenciar os recursos disponíveis adequadamente, de maneira sustentável e transparente.

A seguir discutiremos sobre as estratégias de ensino utilizadas pelos instrutores durante as aulas, assim como os objetivos, avaliações e de que forma aconteciam os planejamentos.

4.2 ESTRATÉGIAS DE ENSINO UTILIZADAS PELOS INSTRUTORES

Ao analisarmos nos documentos do projeto os objetivos aos quais pretende-se alcançar, é possível perceber que nem tudo foi possível de se cumprir. Em alguns momentos é possível perceber, através das falas dos entrevistados, que muitos dos objetivos foram sim alcançados, mas outros objetivos citados nos documentos se quer aparecem nas falas. Novamente, discutiremos sobre esses assuntos, avaliação e desafios, nos tópicos subsequentes.

Com relação ao que era ensinado nas aulas todos os instrutores comentaram que inicialmente o foco foi na questão física dos alunos. A grande maioria não possuía contato com o esporte e tampouco tinham as capacidades físicas, necessárias para uma prática segura e prazerosa, desenvolvidas. Então inicialmente os trabalhos foram mais direcionados para melhorar essas capacidades dos alunos para depois focar na técnica do esporte. É comentado bastante, pelos instrutores, sobre a utilização do treino funcional como forma de buscar essa melhora física dos alunos, mas também existiam outras estratégias como a Ginástica Natural, que é um método de treinamento com foco em exercícios que imitam os movimentos dos bichos e também as brincadeiras e atividades lúdicas, que sempre faziam parte das aulas.

“[...] começou sendo ensinado pra eles uma parte física que eles não tinham contato, que era o treinamento físico, treinamento funcional, dando um apoio pra eles fazerem uma atividade física do surf.” (Instrutor 3)

“Então isso neles, a questão física, pegou muito porque a gente tentava puxar pra uns exercícios funcionais na areia, então isso pra eles era um primeiro contato na vida, que eles nunca tiveram [...]” (Instrutor 1)

“Então a gente fez ginastica natural, fez exercícios de pilates, exercícios funcionais, coisa que agregaram muito e que cada um tinha um conhecimento específico. Eu tentei trazer mais a área lúdica, de brincadeira da própria educação física escolar.” (Instrutor 1)

Além da parte física e técnica também foram passadas questões de segurança e autonomia na água, com atividades que tinham como objetivo permitir que os alunos desenvolvessem uma maior interação com o meio na qual o surfista está inserido. Ou seja, atividades que permitissem o reconhecimento de locais perigosos, noção de como entrar e sair do mar, como se portar em situações de risco, como reconhecer os diferentes tipos de ondas e de que forma se comportar em uma sessão de surf, entre outras coisas que envolvem a modalidade, extrapolando a questão da técnica de surfar em sim.

“Como muitos ali tinham trabalhado como guarda-vidas civis a gente tinha muito a parte de natação que a gente enfatizou e de arrebentação. Então a gente tinha exercícios de entrada e saída da arrebentação, por exemplo, que a gente reunia os alunos e fazia esses treinos com e sem prancha. [...]” (Instrutor 1)

“[...] sem contar que a gente ensinava a autonomia deles na prancha, teve vários dias que a aula era só remada, que a gente fazia travessia de remada, ia e voltava.” (Instrutor 3)

“[...]. Também passar sempre os riscos que o mar apresenta ali ne, como a maioria dos instrutores foram guarda-vidas, a gente se preocupava bastante em passar pra eles segurança [...]” (Instrutor 2)

Também foram passadas questões conceituais sobre o esporte, assuntos que não interfeririam diretamente no ato de surfar, mas que serviam para criar um relacionamento mais próximo dos alunos com o esporte, criar uma identidade e uma maior interação dos alunos com as questões que envolvem o universo do surf. A exemplo disso temos a fala do Instrutor 3, que comenta que:

“[...] a criatividade imensa, a gente chega ali ‘po, hoje vamos conversar com a galera sobre a geografia, o vento. O que que é vento norte ou sul, leste,

oeste', como que se comporta. Ai na outra semana ia e conversava sobre o mar em si, como entrar no mar, como sair do mar, a segurança, como que a onda quebra, pra que lado é o lado esquerdo, pra que lado é o lado direito. Ou a gente ensinava também a galera que é goofy footer, a galera que é regular, o que que é isso. Fundamentos básicos, história do surf a gente falava também, falamos bastante. Algumas paradas de manobras também [...]. Então teve bastante variedade, a galera usava a criatividade em si, usava o surf como matéria mesmo.” (Instrutor 3)

Conforme os alunos iam evoluindo a complexidade das tarefas também evoluía, buscando sempre um constante crescimento e desenvolvimento tanto físico, técnico e também pessoal. Para que essa evolução fosse possível, pensando nas diferentes idades e nos diferentes níveis técnicos de cada indivíduo presente no projeto, os instrutores se preocupavam em dividir a turma, a depender da atividade que seria proposta. As divisões eram, principalmente por nível técnico no surf, já que algumas crianças possuíam um conhecimento prévio da modalidade, mas também existiam aquelas que, mesmo sem conhecimento prévio, apresentaram uma ótima evolução técnica, permitindo que fossem de um nível para outro em pouco tempo.

Sendo assim os níveis aos quais as crianças eram divididas eram nível iniciante, intermediário e avançado. Para classificar as crianças em cada um dos níveis existiam critérios, assim como cada nível possuía suas próprias especificidades do que seria o foco, aquilo que deveria ser ensinado, prioritariamente, para cada um dos grupos. Mesmo existindo essa divisão os alunos estavam sempre no mesmo espaço durante as aulas e realizavam várias atividades todos juntos, sendo separados apenas quando seria passado alguma instrução técnica específica para cada nível de surf. Sobre a divisão das turmas os instrutores comentam que:

“Como as idades eram variadas, a gente procurava sempre botar os alunos iniciantes, intermediários e avançados, dividir dessa maneira o grupo. Geralmente o aquecimento, essa parte inicial eles faziam todos juntos, algumas brincadeiras [...]. Mas a gente geralmente fazia uma corrida na praia, pra reconhecer os pontos de corrente, ou local melhor pra surfar [...]. Ou eram brincadeiras e eles participavam juntos e depois na parte principal da aula a gente separava entre iniciante, intermediário e avançado.” (Instrutor 1)

“Mas daí quando era questão para o surf, técnica, a gente já dividia mais pela técnica mesmo. [...]. Então pra poder passar o conteúdo correto a gente tinha que dividir eles em níveis.” (Instrutor 2)

“[...] a gente dividia o iniciante, o intermediário e o avançado. Eles ficavam praticamente meio juntos assim, mas em grupos separados. Tinham atividades que faziam tudo junto, o aquecimento era geral, todo mundo junto. E na parte técnica era separado por nível técnico.” (Instrutor 3)

Essa foi a maneira que a equipe técnica encontrou para permitir uma maior evolução e segurança para os alunos do projeto. Conseguindo trabalhar dessa maneira nas especificidades de cada grupo, aquilo que cada um precisaria trabalhar com mais afinco. Por exemplo, o grupo iniciante tinha como foco aprender a ficar em pé na prancha, sair da posição deitada para a posição de pé, requisito básico para poder surfar. Além disso os alunos desse nível aprendiam a interagir com o material (prancha e acessórios) e com o mar. Já os alunos intermediários, que já possuíam essa técnica de ficar de pé automatizados, aprendiam a ter uma maior autonomia dentro do mar, como passar a arrebentação, como controlar a prancha e, em alguns casos, como iniciar algumas manobras básicas. Com os alunos avançados o foco era nos detalhes, fundamentos de manobras básicas e avançadas, como gerar velocidade na onda, como é o posicionamento dos membros do corpo em cada uma das fases de determinadas manobras, enfim, questões que trabalham mais a parte técnica em si do surf. Sobre o que era ensinado para cada grupo o Instrutor 3 pontua que:

“A galera mais intermediária aprendia mais a ter o comportamento de como o corpo funcionava em cima da prancha, posicionamento e tal, intender a matéria da prancha em si, como é que funciona e a galera iniciante aprendia o drop, aprendia a botar o básico, pé na prancha. A galera intermediária mais a remada, autonomia e a galera avançada os detalhes de manobra, de técnica e fundamento mesmo.” (Instrutor 3)

Além da divisão por nível técnico existiam outras atividades em que o grupo era dividido de uma forma diferente. A exemplo disso é comentado pelos instrutores que em momentos onde eram realizadas brincadeiras, algumas com caráter competitivo, os alunos eram divididos da maneira mais equilibrada possível. Para exemplificar essas situações o Instrutor 1 e o Instrutor 2 comentam o seguinte:

“Alguns dias [...], a gente fez início, meio e fim, toda a aula com todos os alunos. Os dias de remada, por exemplo, que a gente sai com todos os alunos pra dar um treinamento de remada grande, que o mar estava flat, mar baixo, então propiciando esse tipo de atividade de remada. E quando era baterias (competições) também, a gente procurava colocar os diferentes níveis juntos também e considerar diferentes coisas que eles faziam como pontuação pra equipe.” (Instrutor 1)

“[...] e como era atividade em grupo, aquela competiçãozinha que iria ter, então tinha que estar bem homogêneo também, a gente sabia que tinha que botar um que era mais inteligente, outro era mais ágil, [...]. Mas sabia que tinha que misturar as qualidades deles tudo ali, eu pensava nisso bastante pelo menos, pra eles saberem usar a qualidade de cada um praquele momento.” (Instrutor 2)

É importante levarmos em conta que diferentes pessoas levarão em conta diferentes concepções, fatores pessoais que influenciarão na forma de passar uma instrução, ou naquilo que cada um pensa ser o mais importante em passar para seus alunos. Por exemplo o Instrutor 1, por atuar no ambiente escolar, acredita que é importante a questão lúdica e de prazer na atividade física, já o Instrutor 2 e o Instrutor 3 acreditam que o mais importante durante uma instrução é:

“[...] enquanto está fazendo aquele exercício tem que prestar atenção no teu corpo, buscar essa consciência corporal neles. Saber que quando tu tá lidando com o teu corpo tem que parar e olhar pra dentro de si [...].” (Instrutor 2)

“Nisso até também o respeito, era bastante essas coisas ai, a força de vontade, o concentrar no movimento que tava fazendo e o respeito do amigo” (Instrutor 2)

“Cara eu reforçava bastante o lance da técnica. O lance técnico da biomecânica do jeito que o cara tem que se portar em cima da prancha. O jeito de fazer teu corpo todo surfar em sincronia e tu pegar esse ‘cacoete’ com a tua memória muscular e o corpo reagir a esse jeito, eu gosto de focar bastante nisso ai.” (Instrutor 3)

As aulas do projeto, como pôde ser visto até aqui, eram divididas em algumas fases, sendo uma parte de aquecimento, onde as atividades variavam bastante, desde brincadeiras, corridas, movimentos articulares, entre outras. Uma parte de treino técnico, onde eram passados questões e movimentos específicos do surf, a depender do nível de cada grupo. E que também poderiam ser realizadas lições teóricas, ou treino físico, pensando nas especificidades do esporte, a depender dos objetivos da aula e do momento em que se encontravam os alunos. Em seguida a parte prática, que era o momento em que os alunos iam para a água, colocar em prática tudo aquilo que foi passado na areia e finalizavam com uma volta a calma, geralmente um alongamento ou uma conversa sobre questões pontuais. As atividades variavam de acordo com os objetivos e também com as condições climáticas, já que o surf é um esporte que depende diretamente das variações naturais do clima.

Para planejar as aulas do projeto foram realizadas algumas reuniões entre a equipe técnica, porém o que foi relatado é que as reuniões não aconteciam com tanta frequência e muitas vezes o planejamento não era seguido por questões como a condição do mar e do tempo. Ou seja, em alguns momentos aquilo que tinha sido planejado para um determinado encontro tinha que ser modificado, pois o mar não apresentava as condições ideais para a atividade. Por isso os instrutores mantinham um diálogo entre eles para tomar as decisões de como a aula de cada semana se desenvolveria, como é exemplificado pelas seguintes falas:

“Então a gente tinha sempre uma equipe bem grande e por ter essa equipe grande eram várias cabeças, eram questões difíceis de planejar, eu não me via como o único responsável por isso, [...]. No Drop a gente conseguiu fazer uma coisa mais coletiva no planejamento.” (Instrutor 1)

“[...] a gente chegava na praia e tinha aquela tomada de decisão junto da galera e tinha aquela criatividade, ‘po o mar hoje tá meio pequeno, tá maral. Então tá galera’, a gente entrava num bom senso todo mundo e um dava uma ideia, por exemplo vinha o (nome do instrutor) e ‘po vamos falar hoje do vento’, ai chegava do vento e agente conversava com eles, cada um passava a sua visão, [...]” (Instrutor 3)

“Às vezes tinha reuniões (risos), tiveram uma ou outra reunião. Quando tiveram essas reuniões ia mais redondinha a aula ne, eu sentia isso, [...]. Então não atropelava passos e ai acabava que a aula ia bem mais redonda, todo

mundo sabia o seu papel ali, ninguém interferia na fala do outro.” (Instrutor 2)

Por ser uma equipe grande, com diferentes concepções e filosofias pessoais, o planejamento e condução das aulas são um pouco mais trabalhosos, porém são possíveis e trazem bons frutos quando existe uma boa interação e diálogo entre a equipe. No tópico a seguir iremos expor quais foram as percepções e as avaliações do projeto por parte de cada um dos envolvidos.

4.3 IMPACTOS PERCEBIDOS DO PROGRAMA

No presente tópico abordaremos os impactos percebidos pelos envolvidos com o projeto, buscando encontrar dentro das falas dos entrevistados como foram as percepções em relação aos objetivos propostos pelo projeto, as satisfações pessoais de cada instrutor e também as percepções em relação aos objetivos pessoais de cada um.

Em relação ao cumprimento dos objetivos de um projeto social percebe-se, no geral, que os instrutores acreditam que os objetivos foram cumpridos satisfatoriamente, mas que em alguns pontos poderiam ocorrer melhorias. Neste sentido o Instrutor 1, ao ser indagado sobre se os objetivos foram alcançados pontua que:

“Acredito que sim, porque eles conseguiram ter essa consciência da assiduidade, da responsabilidade com o horário, de estarem presentes no horário, no compromisso. A responsabilidade deles com a melhora, com o desempenho, [...]. Então eu acho que isso foi uma coisa muito importante, da questão do desempenho escolar e da importância deles darem pra escola, os estudos e se manterem ocupados com coisas saudáveis e coisas boas, acho que socialmente isso foi muito importante.” (Instrutor 1)

Foi possível perceber também uma evolução no comportamento de alguns alunos, principalmente daqueles que possuíam atitudes mais rebeldes. Além de permitir que outros alunos com menos estrutura fossem “abraçados” pelos envolvidos no projeto. Para exemplificar temos as falas do Instrutor 2:

“[...] A gente conseguiu mudar os guris que eram os piores alunos, que eram o terror e ameaçava bater em professor e hoje tá um exemplo de guri cara. Fica

ai o dia inteiro, vai pra escola de noite, tudo certo. Tá estudando, tá melhorando.” (Instrutor 2)

“Sempre na real quando pergunta essa coisas vem o exemplo do ‘E’ e do ‘B’ (alunos) que eram os mais problemáticos, com relação a comportamento e o outro com a família mais precária e a gente conseguiu dar essa moldada no ‘E’ e conseguimos arranjar uma família postiça pro ‘B’, que são todas as pessoas da Armação que gostam dele, que tem ele como filho né” (Instrutor 2)

Mesmo que nem tudo aquilo que foi proposto tenha sido alcançado, a evolução e melhora dos alunos foi perceptível, em diversos fatores. Seja no comportamento, nas atitudes, no desempenho do surf, enfim, até mesmo nas relações familiares houveram melhoras. Sendo assim é possível dizer que as aulas foram importantes na formação e no crescimento pessoal dos alunos, como é possível verificar nas falas do Idealizador do projeto:

“Mas a gente olhando o geral, do que o projeto começou, das dificuldades que a gente teve, né. E das superações que a gente teve e também das mudanças que a gente observou nas crianças sabe?! E das mudanças que as famílias observaram nas crianças, que a gente teve esse feedback. Cara, pra mim não tenha dúvida nenhuma que eu fiquei muito realizado e muito feliz. E acredito que teve sim, um sucesso total assim.” (Idealizador)

“[...] a gente conseguiu sim alcançar a maioria das metas que a gente tinha. E o objetivo final mais importante a gente alcançou. A mudança das crianças mesmo né, tanto atitude, quanto responsabilidades. Então a mudança nas próprias crianças sabe, realmente transferir um pouco de conhecimento, sabe. [...] mostrar o caminho correto pra eles seguirem sabe. Então isso foi muito legal, ajudar na formação do caráter deles.” (Idealizador)

Ainda sobre o cumprimento dos objetivos é possível verificar que outras questões importantes foram alcançadas nas aulas do projeto como, por exemplo, conseguir ofertar uma modalidade que possui um custo elevado para crianças que não teriam condições de arcar com estes custos. E também manter os alunos ocupados no contra turno escolar, mesmo que as aulas ocorressem apenas uma vez na semana. Esse pontos aparecem nas falas do Instrutor 1:

“E ter ofertado e disponibilizado uma prática extremamente cara, com um custo muito elevado pra sua prática. Então acho que isso a gente conseguiu disponibilizar de maneira gratuita prancha, roupa de borracha pra eles entrarem nos dias frios, parafina, cordinha, [...], doações de pranchas de fibra, coisas que eles tiveram acesso e que muitos não teriam.” (Instrutor 1)

“E cumprir esse papel que o estado não cumpri, que é de tentar manter as crianças ocupadas no contra turno escolar, isso é uma coisa muito importante que a gente preencheu bem satisfatoriamente essa lacuna, apesar de ser somente uma vez na semana, [...], então acabou que isso pra nós foi muito bacana.” (Instrutor 1)

Quando analisado os objetivos pessoais de cada instrutor, também é possível verificar que, pessoalmente e na maior parte das vezes, aquilo que cada instrutor acreditava ser seu objetivo foi alcançado satisfatoriamente. Por mais que os objetivos de cada um fossem diferentes, é importante perceber que aquilo que cada instrutor acreditava estar buscando ao fazer parte do projeto foi atingido. Mesmo que esse objetivo seja uma evolução técnica, ou aprimoramento profissional e até mesmo a evolução e desenvolvimento de seus alunos.

“[...] essa parte científica e teórica eu procurei me aprofundar e ler ao máximo, [...], mais a teorizar o surf ne, essa coisa de tentar ver dentro da proposta curricular aonde que ele se encaixa. Então essa questão, pra mim, foi um objetivo bem legal, de ter aprendido, que eu alcancei, com certeza. Objetivo de crescimento profissional também, de ver como uma possibilidade de prática e de atuação do profissional de educação física, professores, pra mim foi um objetivo bem atingido.” (Instrutor 1)

“Cara, eu sinto que como instrutor teve sim os objetivos de ver a evolução deles nítido. Porque eu sou árbitro também de surf da FECASURF e no campeonato do Mineiro (Circuito ADS de Surf Amador) eu tava ali julgando, tava arbitrando e teve uma aluna nossa, a M (aluna), tava um mar grande, ondas de 2 metros, [...]. E de eu chegar e pegar um aluno meu, que começou com a gente, era de pranchão, do pranchão foi pro fun e depois pra pranchinha. [...] Ir lá fora num mar de dois metros, vir pegar uma esquerda, [...] e tu chegar e dar uma nota 7 pontos pra ela. Po isso ai eu acredito que seja um objetivo

peçoal como instrutor, tu quer ensinar um aluno a ter essa atitude.” (Instrutor 3)

“[...] O cara conseguiu mudar a cabeça deles ali, daquela cabeça do tráfico, de tá na noitada, de “locurinha”, pra cabeça do bem, do esporte, de correr atrás e estudar, estudar o melhor caminho [...]. Então é um negócio que o cara ama, tá ali com eles e que eu queria tá mais, queria poder ajudar mais. Sinto que ajudou muito realmente, sim o objetivo foi concluído assim, mas concluiu deixando uma porta aberta parece.” (Instrutor 2)

Da mesma forma cada um dos entrevistados possuía uma concepção diferente dos impactos que o projeto pode ter gerado em todos aqueles que estavam envolvidos com o mesmo, mas no geral as respostas convergiam para uma evolução pessoal dos alunos e um impacto positivo na comunidade. Essa evolução pessoal poderia ser tanto nas questões de responsabilidades, seja com a escola, com os compromissos ou com os horários, quanto na evolução pessoal, de permitir uma maior determinação e responsabilidade com as suas próprias escolhas, promovendo uma maior autonomia e vontade de superar as adversidades da vida de cada um e assim, possibilitando que estes alunos criassem uma visão diferente sobre as suas vidas. Também é possível perceber nas falas o impacto que o projeto pode ter gerado na comunidade, principalmente em se tratando dos pré-conceitos que alguns moradores tinham sobre alguns alunos menos favorecidos.

“Então o exemplo do Drop que vai ficar pra eles mesmo é de superação, de superar os limites e as barreiras, todas elas. Que a vida vai mostrar pra eles e vai aparecer diversas, mas eles com vontade e com determinação, eles vão conseguir superar e mudar essa realidade.” (Instrutor 1)

“[...] desde eles quiserem se comportar melhor, eles quiserem ser melhores pessoas, quiserem ser mais educados, ter mais esse espírito de grupo, saber lidar com o amigo, saber cativar a amizade, o respeito, querer sempre aparecer por esse lado, que o esporte dá.” (Instrutor 2)

“Acho que teve um impacto positivo. Em relação a vida dos alunos ali, po a entender como é que funciona o surf, ver que o surf mexe na vida das pessoas e até na tua própria vida, tua relação com a natureza, tu vê que perto da

natureza tu não é nada e te gera um senso de humildade, tá ligado, perto da natureza.” (Instrutor 3)

Sobre as satisfações pessoais de cada instrutor, em relação a sua participação no projeto, as respostas variaram, como era de se esperar, pois cada um terá uma percepção diferente daquilo que mais trouxe satisfação e alegrias em sua atuação. De maneira geral todos se sentiram satisfeitos com a participação no projeto e o que foi relatado é que o projeto trouxe várias alegrias e crescimento pessoal para cada um. Desde questões profissionais, como a atuação do profissional de Educação física, até a felicidade em ver que aquilo que foi ensinado para os alunos foi aprendido e colocado em prática, assim como a satisfação em poder proporcionar momentos de alegria, socialização e crescimento pessoal para os alunos. Sobre as satisfações pessoais percebidas pelos instrutores é relatado que:

“[...] foi conseguir ver que o que tava na nossa teoria, lá na proposta curricular aqui em Florianópolis é algo que realmente acontece. As práticas em contato com a natureza são totalmente possíveis pro profissional de educação física dentro da rede.” (Instrutor 1)

“[...] E lógico, tem a questão da evolução dos alunos, todo esse empenho deles é uma coisa que nos satisfaz muito, nos dá essa sensação de dever cumprido. Que é essa evolução deles em todos os aspectos ne, não só na técnica mas questões sociais e tudo, foi bem gratificante isso.” (Instrutor 1)

“Então eu acho que pra mim a maior alegria era isso, ver a alegria deles, ver a felicidade deles. Ver que a gente estava, além de estar educando e toda a função do projeto social, a gente tava alegrando a vida daqueles moleques, (Instrutor 2)

“A maior satisfação no projeto foi aquele lance que eu falei de arbitrar ali, foi uma satisfação pessoal animal. Tava ainda eu e outro instrutor do projeto, o Instrutor 2 e a gente se arrepiou, tudo certinho. O lance da manobra da M (aluna) (em um campeonato).” (Instrutor 3)

“E também o lance de tá passando uma técnica pra galera, ensinar um pouco da técnica, coisa que o cara aprendeu...” (Instrutor 3)

Durante o período em que o projeto estava em atividade, tendo os recursos financeiros disponíveis, foram adquiridos diversos materiais que permitiram ao projeto se manter mesmo após a verba não estar mais disponível. Portanto hoje, mesmo sem o dinheiro que havia no ano de 2017, o projeto se mantém em atividade e tem à disposição pranchas, roupas de borracha, acessórios como cordinhas, parafinas, *lycras*, guarda sol e cadeiras. Outro fator que permite a continuidade do projeto é a possibilidade de manter o material guardado diretamente na Praia do Matadeiro, sem que seja necessária uma logística de transporte até o local onde são realizadas as aulas.

Existe ainda a possibilidade de que os recursos financeiros que estavam disponíveis sejam renovados, o que permite que novas propostas sejam desenvolvidas, utilizando da experiência e dos aprendizados anteriores. Uma das propostas para a continuidade do projeto é a inserção do Bodyboard, modalidade em que o praticante desliza pela onda deitado sobre uma prancha. Também existe a possibilidade de que novos profissionais sejam captados para dar suporte a equipe técnica, como assistente social e psicólogo. Além disso busca-se, futuramente, trabalhar outros aspectos para além do surf em si, como a educação ambiental e trabalhos artísticos, desta maneira realizando um trabalho mais interdisciplinar e permitindo desenvolver outras capacidades e consciência com os alunos.

4.4 DESAFIOS ENCONTRADOS PELOS INSTRUTORES

A construção do projeto Drop do bem ocorreu de maneira progressiva e natural, foram muitas pessoas envolvidas para que o projeto pudesse alcançar aquilo que foi idealizado. Abordaremos neste momento os desafios aos quais foram percebidos por aquele que estavam envolvidos no desenvolvimento das atividades do projeto.

Uma destas dificuldades foi referente ao preenchimento das vagas ofertadas. A ideia inicial era preencher as vagas apenas com as crianças da escola de ensino básico do bairro da Armação. Porém diante da baixa procura por parte destas crianças foram ofertadas também as vagas em outras escolas públicas de regiões próximas. Além disso o projeto também acabou recebendo crianças que não estudavam na rede pública, por existir vagas disponíveis que não foram preenchidas e também por essas crianças serem filhos de amigos e de pessoas próximas ao projeto. Uma outra questão levantada sobre as vagas foi a de que alguns alunos desistiram de participar do projeto ao longo do ano, o que fazia com que os responsáveis pelo projeto ofertassem essas vagas para novas crianças, dificultando um pouco o andamento das aulas, como exemplificado pelo Instrutor 1:

“A gente tentou manter uma linha de continuidade e progressividade, progressão nos conteúdos. Mas era algo difícil porque a gente recebia, a gente teve algumas mudanças de alunos, alguns começaram no início do ano e acabaram abandonando o projeto e a gente convidava novos alunos pra fazerem parte do projeto, [...] então a gente tentou dar uma continuidade, mas como entravam alunos novos a gente tinha que voltar lá nos papos iniciais de segurança, sobre os itens de segurança e a gente ia tentando passar isso pra eles.” (Instrutor 1)

Também foi percebido uma certa dificuldade em função de os alunos apresentarem uma faixa etária muito ampla, que variava dos 6 aos 16 anos. Por existir essa diferença grande muitas partes das aulas tinham que ser divididas ou atividades tinham que ser realizadas com diversas adaptações. Portanto o planejamento das aulas, principalmente em se tratando da progressão nos conteúdos, era um pouco mais trabalhoso, em função desta disparidade.

“Quando a gente pensava em planejamento, treino, como que a gente poderia progredir e que progressão a gente poderia, na parte técnica, ou até mesmo como abordar determinados assuntos, voltados pra área de preservação da natureza, qual linguagem utilizar. Então como a faixa etária era bem ampla a gente teve isso como uma dificuldade maior.” (Instrutor 1)

Ainda sobre o planejamento das aulas, foi possível perceber que por existir uma equipe grande de instrutores as questões referentes ao planejamento das aulas eram um pouco mais trabalhosas. Portanto as reuniões que eram realizadas para planejamento poderiam ocorrer com mais frequência, para que assim a equipe estivesse mais sintonizada e em harmonia. O instrutor 2 aponta que com relação a isso que:

“Quando tiveram essas reuniões ia mais redondinha a aula né, eu sentia isso, quando tinha esse esclarecimento do que que vai ser realmente [...]. Todo mundo sabia o seu papel ali, ninguém interferia na fala do outro. Porque quando tem muita gente isso é um problema na hora de dar aula, um acabar interferindo na fala do outro, tá ali explicando um negócio o outro interfere e tu já esqueceu o fio da meada que tu tava. E perdeu o fio da meada perdeu, tu

vai falar sobre o assunto mas não do mesmo jeito que era o que tu queria.”
(Instrutor 2)

“[...] mas poderia ter tido mais reuniões pra galera tá cada vez mais afiada assim, no quesito equipe mesmo.” (Instrutor 2)

Já o instrutor 1, compactuando com essa dificuldade no planejamento, acredita que mesmo sendo o instrutor que possuía o papel de responsável técnico no projeto não deveria ser ele o único responsável pelo planejamento e que uma continuidade nas aulas do projeto seriam necessárias para colocar em prática tudo o que foi aprendido, a duras penas, com relação ao planejamento das aulas.

“Mas o planejamento a gente estava muito engatinhando, era o primeiro ano de projeto e eu como responsável técnico não queria assumir totalmente essa função, [...], então eu não quis centralizar em mim essa figura.” (Instrutor 1)

“Então eu acho que a gente precisaria de uma segunda chance, de um segundo ano pra realmente colocar esse planejamento, início, meio e fim, uma coisa assim com uma continuidade. Porque a gente meio que foi ‘po, isso é legal então vamos botar!’” (Instrutor 1)

Essa continuidade do projeto, ou a não continuidade, nas aulas do meio da semana também aparecem como um dos desafios encontrados no desenvolvimento do projeto. Como a verba que estava disponível foi interrompida, e era o que mantinha os instrutores, coordenador e toda a equipe envolvida nas atividades, não havia como manter estas aulas, que voltaram a ocorrer apenas aos domingos, com um número bem menor de instrutores que atuam de maneira voluntária e, conseqüentemente, atendendo um número bem menor de crianças. Este fator forçou a interromper as atividades que estavam sendo desenvolvidas e o projeto teve que dar alguns passos para trás para que o fator segurança fosse mantido.

“Fica com gostinho de quer mais, porque ele acabou do nada o projeto. Acabou não né, porque na verdade tá quase voltando a dar certo ai de novo a questão financeira. E o que bate no coração é ter acabado as terças feiras [...]”
(Instrutor 2)

“Mas eu sinto que falta essa continuidade que o projeto social tem que dar, parece que ficou um vazio naquele lugar.” (Instrutor 2)

Para o Idealizador do projeto um dos maiores desafios realmente é a questão financeira, já que é difícil manter uma equipe apenas com voluntários, da mesma forma que a burocracia envolvida nas prestações de contas, quando a verba estava disponível, era um dos fatores que mais dificultava a questão de logística do projeto. Para exemplificar temos os seguintes trechos:

“O maior desafio é, por exemplo, hoje o projeto depende só de voluntários. Cara eu acho que o maior desafio é motivar essas pessoas pra continuar, pra terem com a gente sabe, porque sem recurso financeiro é muito difícil.” (Idealizador)

“[...] ao mesmo tempo que é difícil quando tu tem recurso também, que é um trabalho muito grande, porque tu tem que fazer toda a prestação de conta, nota de tudo, sabe, dá muito trabalho. A parte burocrática, por exemplo, tanto dos instrutores, professor, ter que tirar nota fiscal, é um trabalho muito desgastante. Então as vezes... agora tem essa dificuldade de não ter uma equipe formada, que toque, que vai lá e faz. Mas por outro lado também tu tem as pessoas que realmente fazem o que amam ali, sabe. Que gostam muito do que fazem e tão ali realmente porque gostam mesmo.” (Idealizador)

Sobre a questão de dedicação ao projeto e “fazer com amor” o Instrutor 3 comenta da dificuldade de encontrar pessoas que se dediquem realmente aquilo que fazem e também da questão de que os instrutores do projeto eram muito mais que apenas professores.

“[...] é difícil tu ter um grupo de pessoas que façam o bagulho de coração que nem a gente fez, tá ligado. Eu acho que isso aí é o mais difícil, tem muitos projetos sociais ai que são só no papel, os caras tem verba pública, os caras tem tudo, mas não se dedicam de coração que nem a galera se dedicou. ” (Instrutor 3)

“[...]além de instrutores de surf a gente era pedagogo, a gente era psicólogo, era um lance social e tipo, isso é um aspecto [...]” (Instrutor 3)

Os envolvidos apontam diversas mudanças para o projeto, caso seja possível dar continuidade as aulas que aconteciam durante a semana, no contra turno escolar. Principalmente pensando em uma melhor forma de estruturar as aulas para que seja possível uma atuação mais voltada para cada nível de surf ou idade. Também aparecem, nas falas, possíveis ações que visam uma melhor atuação e mais possibilidades a serem trabalhadas com os alunos, como educação ambiental e cultural, além da possibilidade de ofertar as aulas mais vezes na semana. Outras possibilidades também aparecem, como uma ação mais interdisciplinar, para tentar manter os alunos ocupados no contra turno escolar, utilizando outras atividades complementares ao projeto. E também permitir que os alunos mais velhos pudessem atuar como “instrutores mirins”, incentivando, desta maneira, que estes iniciassem uma atividade profissional.

5 DISCUSSÃO

Levando em conta que os dados deste estudo foram obtidos através de entrevistas semiestruturadas, no presente tópico discutiremos os aspectos que foram considerados os mais marcantes das falas, confrontando os achados com estudos pertinentes sobre os temas, disponíveis na literatura.

Foi possível perceber que os envolvidos com o projeto possuem uma íntima relação com o surf, buscando, muitas vezes, passar um pouco daquilo que aprenderam e dos sentimentos vivenciados com a prática do esporte para os alunos. Segundo Cysne (2016), ao investigar professores experientes com a modalidade, “ensinar o surfe significa compartilhar aquilo que a prática deste esporte lhes proporcionou passando para seus alunos valores ligados a vivacidade, a comunhão com a natureza e bem estar”. Os praticantes dessa, e de outras modalidades de esportes de aventura, geralmente apontam sentimentos e sensações que são difíceis de explicar, para Amaral e Dias (2008) essa dificuldade de expressar os sentimentos, por parte dos surfistas, se dá pelo fato de que esportes de aventura proporcionam desafios e situações que não podem ser previstas, além de permitir que o praticante supere seus limites em cada prática.

Percebe-se entre os instrutores a vontade de transmitir valores e atitudes positivas através do esporte, acreditando que este será um meio de transformação social. Neste sentido a prática da modalidade em si parece ficar em segundo plano, dando a entender que o principal objetivo do projeto não é ensinar uma modalidade esportiva, mas sim formar cidadãos conscientes, através da prática esportiva.

Estes parecem ser os principais objetivos quando analisamos outros estudos com a temática, para Eiras e colaboradores (2010), por exemplo, tanto a oferta quando a procura pelo esporte em projetos sociais possuem objetivos que vão além da prática esportiva em si, como a inclusão social, a ocupação do tempo livre, o desenvolvimento humano, promoção de valores e comportamentos, entre outros. No mesmo sentido Vieira (2012), ao analisar um projeto social que ensina o surf para crianças e jovens, pontua que o aprendizado do surf não está em primeiro plano. Segundo a autora os professores do projeto tem como objetivo, através do surf, “preparar as crianças para a vida e de influencia-las a optar por um estilo de vida saudável, respeitando seres humanos e natureza”, acreditando que o estilo de vida dos surfistas influenciará os alunos nestas atitudes.

As relações entre os envolvidos no projeto, seja entre professores e alunos ou entre os próprios alunos também foi um fator pertinente para discussão. Foi possível perceber que a relação entre professores e alunos foi vista como um fator importante para o desenvolvimento dos alunos. Também percebe-se que esta relação ocorre além das aulas em si e permite que ambas as partes aprendam e evoluam. Além disso a relação entre os próprios alunos, que num primeiro momento foram apresentadas como “caóticas” ou “não amigáveis”, passou a ser caracterizada como uma relação de fortes laços de amizade e também ocorriam fora do ambiente do projeto. Essas relações de amizade envolvendo a prática do surf aparece no trabalho de Amaral e Dias (2008), onde os autores colocam que estar entre amigos é um dos fatores que influencia os praticantes a procurarem a modalidade. As relações de amizade também são apontadas por Vieira (2012) em sua pesquisa e parece ser um dos principais fatores que justifica a participação e permanência dos alunos nas aulas do projeto pesquisado pela autora, segundo os próprios alunos.

No projeto social estudado pelo presente trabalho o fator que aparece, segundo os instrutores, como motivo principal para a permanência dos alunos, além dos laços de amizade criados durante as aulas, é a oportunidade de aprender a surfar, ou de aprimorar as técnicas do surf para aqueles que já possuíam conhecimento com a modalidade. Esta afirmação vai ao encontro de trabalhos que buscaram investigar os motivos da procura por projetos sociais, sendo possível perceber que a prática esportiva é um dos principais motivos ao qual crianças e jovens procuram estes projetos (CASTRO; SOUZA, 2011, EIRAS et al, 2010). Além de aprender a surfar os instrutores apontaram que o lanche oferecido ao final da aula e o status que a modalidade oferece também colaboraram para que as crianças permanecessem no projeto.

Ao ser analisado aquilo que era ensinado aos alunos durante as aulas, houve um consenso entre os instrutores de que a parte física, as valências físicas necessárias para a prática

do surf, foram priorizadas num primeiro momento. O surf é um esporte que demanda um ótimo condicionamento físico para que sua prática seja segura e prazerosa, sendo necessário que o praticante possua, entre outros, um condicionamento cardiorrespiratório bem desenvolvido, além de resistência, força e potência muscular de membros inferiores e superiores (BRASIL et al, 2001, NAVARRO; DANUCALOV; ORNELLAS, 2010, GARCIA; VAGHETTI; PEYRÉ-TARTARUGA, 2008). Portanto os instrutores do projeto procuraram trabalhar essas questões com atividades diversas, que fossem prazerosas para os alunos, com caráter lúdico, mas que chegassem ao objetivo pretendido. Para Vieira (2012) as aulas de surf em um projeto social podem auxiliar para o desenvolvimento de qualidades físicas e motoras nos alunos, podendo ser utilizadas atividades lúdicas para se alcançar tais objetivos.

A questão segurança também aparece como um dos fatores primordiais nas aulas do projeto, além da questão física e técnica. Portanto foram passados procedimentos de segurança aos alunos para que a prática da modalidade ocorresse da maneira mais segura possível. Além disso os instrutores possuíam um grande conhecimento sobre previsão e condições marítimas e também sobre técnicas de salvamento e prevenção de afogamentos. Paixão (2009) afirma que a integridade do praticante de esportes de aventura se dá a partir de procedimentos, por parte do instrutor, que visem diminuir os riscos aos quais o praticante está inerente. Neste sentido o autor aponta que para isso é necessário ter o conhecimento da técnica, saber manusear corretamente os equipamentos utilizados durante a prática, ter conhecimento do ambiente onde a prática será realizada e ser passadas instruções sobre as consequências de um procedimento mal realizado.

Com relação a divisão da turma, foi possível verificar que, quando seriam passadas atividades voltadas para a técnica do surf, os instrutores dividiam os alunos nos níveis de conhecimento que estes apresentavam. Dividindo o grupo entre alunos iniciantes, intermediários e avançados, a depender do nível técnico de cada um. Cada grupo possuía uma especificidade nas tarefas e naquilo que seria cobrado destes. No estudo de Cysne (2016) com professores de escolas de surf experientes e conceituados, foi possível verificar que a divisão dos níveis técnicos ocorre da mesma maneira e os objetivos de ensino-aprendizagem estão diretamente ligados ao nível em que o aluno se encontra.

Os instrutores do projeto também se preocupavam em ensinar questões de caráter mais conceitual sobre o esporte, assuntos que extrapolavam a técnica de surfar propriamente dita. Permitindo, assim, que os alunos interagissem com o esporte de uma maneira mais próxima, conhecendo as diferentes facetas que o esporte apresenta. Para Machado, Galatti e Paes (2015) estes assuntos se enquadram, segundo a pedagogia do esporte, no referencial histórico-cultural.

Para os autores este referencial busca trabalhar com conhecimentos que fazem com que o esporte seja reconhecido como parte da cultura e sociedade, dessa maneira fortalecendo os vínculos pedagógicos com os conteúdos esportivos propriamente ditos.

Ao analisar os impactos que o projeto pode ter gerado junto aos envolvidos, segundo os instrutores e o idealizador do projeto, houve uma mudança positiva no comportamento das crianças, principalmente nas questões de atitudes perante os professores do projeto. Também foi possível perceber uma melhora no desempenho escolar de alguns dos alunos e nas relações que estes tinham com seus pares e com a família. Feijó e Macedo (2012) apontam em seu trabalho que projetos dessa natureza beneficiam os jovens inseridos neste contexto, extrapolando estes benefícios para a família. Os autores pontuam que o projeto estudado permitiu que os jovens apresentassem mudanças positivas no comportamento, no seu relacionamento com a família e com o conjunto de pessoas que está ao redor dele.

Além da evolução técnica com a modalidade ofertada, as questões pessoais, que estão vinculadas aos objetivos propostos pelo projeto, parecem ser um indício de que as atividades propostas e a forma de trabalho realizada pelos envolvidos estão de acordo com aquilo que se espera de um projeto social. A evolução pessoal e a influência do projeto no desempenho escolar também foram perceptíveis no estudo de Castro e Souza (2011), onde os alunos demonstraram, segundo os pais e professores, uma melhora em diferentes sentidos. Seja no comportamento em casa, ou no desenvolvimento de valores como o respeito ao próximo. Também foi possível afirmar, segundo os autores, que o projeto propicia diferentes perspectivas de vida, que diferem da realidade ao qual o aluno está acostumado. Indo ao encontro da fala de alguns dos instrutores do projeto estudado neste trabalho.

Com relação as dificuldade encontradas pelos envolvidos com o projeto é possível perceber que, primeiramente, uma das dificuldades foi com relação ao preenchimento das vagas ofertadas. Diferente do que se acreditava, as quarenta vagas ofertadas não foram preenchidas com o público que era esperado, ou seja, a intenção de ofertar as vagas apenas para crianças e jovens carentes da escola do bairro onde o projeto ocorria não aconteceu. Por isso as vagas foram ofertadas em outras escolas de regiões próximas, mesmo assim o número de vagas não foi preenchido e o projeto acolheu também crianças provenientes de escolas particulares, diferente do que seria o objetivo inicial.

Essa dificuldade em preencher as vagas também foi encontrado no estudo de Vieira (2012), onde as vagas ofertadas não foram preenchidas e da mesma forma o projeto, que tinha objetivo de atender crianças carentes, também passou a atender crianças provenientes de escolas particulares. Segundo a autora os instrutores acreditam que os motivos que poderiam explicar

esse fato é a dificuldade de acesso ao local das aulas, assim como as variações climáticas e o horário das aulas. Outra dificuldade encontrada foi o fato de as idades dos alunos serem muito variadas, o que dificultava o andamento e planejamento das aulas. Da mesma forma do que foi percebido pelos instrutores do projeto investigado neste trabalho.

O planejamento das aulas foi apontado como outra dificuldade enfrentada, já que o número de instrutores era grande e foram realizadas poucas reuniões entre a equipe técnica, além disso as condições do mar muitas vezes não permitia que aquilo que havia sido planejado para um determinado encontro ocorresse. No estudo de Cysne (2016) com professores de surf é apontado que as condições do mar é um dos fatores que interfere diretamente no planejamento das aulas, assim como o nível técnico apresentado pelo aluno.

Por fim, outro fator determinante na continuidade, ou não, do projeto é a verba disponível para o mesmo. Nas entrevistas ficou claro que não houve a continuidade esperada no projeto pelo fato de que a verba não foi renovada. O que obrigou o projeto a reduzir as atividades, o número de crianças e os envolvidos com o ensino da modalidade. Portanto é possível afirmar que o fator financeiro é primordial para uma boa execução e cumprimento das metas e objetivos propostos pelo projeto.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo identificar os princípios conceituais e metas do projeto Drop do bem, caracterizar as estratégias de ensino aplicadas no projeto, analisar os impactos percebidos no programa e identificar os desafios encontrados pelos instrutores, através de entrevistas semiestruturadas com os instrutores e idealizador de um projeto social.

Ao analisar os princípios aos quais o projeto está vinculado é possível perceber que instrutores e idealizador tem a prática do surf como uma filosofia de vida, levando os valores e ideais adquiridos com o esporte para a prática do seu dia-a-dia. Também existe entre os envolvidos um sentimento de querer retribuir tudo aquilo que foi aprendido e conquistado com a prática do surf, buscando através disso serem exemplos para os jovens que participam das aulas do projeto. São esses valores que fundamentam os objetivos e metas do projeto social Drop do bem, buscando através da prática saudável da modalidade modificar a realidade de crianças e jovens de comunidades do Sul da Ilha de Florianópolis.

Além de “promover o surf como esporte seguro, saudável, transformador e profissional”, o projeto tem como metas “melhorar a qualidade de vida”, “aproximar escola e família”, “Melhorar o desempenho escolar”, “valorizar e divulgar o projeto como ferramenta de transformação social” e “Consolidar o proponente do projeto do ponto de vista da gestão no terceiro setor”. Parece que muitos destes objetivos foram cumpridos, outros não foram possíveis verificar em função dos métodos empregados neste trabalho, porém além das metas propostas pelos documentos do projeto é possível verificar que os objetivos pessoais de instrutores e do idealizador também foram, em partes alcançados.

Com relação as estratégias de ensino utilizadas pelos instrutores é possível verificar que, num primeiro momento, o foco foi no aprimoramento de valências físicas necessárias para uma prática segura e prazerosa. Utilizando-se estratégias que fossem atrativas e de acordo com as capacidades apresentadas pelos alunos em cada momento, como atividades lúdicas e exercícios de diversas naturezas. Também foram passadas questões conceituais em relação a modalidade, buscando, dessa forma, que os alunos desenvolvessem um maior sentido e conhecimento sobre a prática do surf. Além disso o fator segurança sempre se fez presente, seja nas instruções, nas atividades, ou pela presença de instrutores com grande conhecimento do ambiente e dos fatores associados a prática do surf.

Também foi possível perceber que a divisão da turma em níveis técnicos foi primordial para uma melhor estruturação e evolução nos conteúdos apresentados pelos instrutores. E que a interação entre os diferentes níveis ocorria de maneira saudável e normalmente em atividades

onde não existia a cobrança das técnicas específicas da modalidade, como nos aquecimentos, nas brincadeiras e “remadas” realizadas com todo o grupo. Outro fator que interferia diretamente nos conteúdos e estruturação das aulas eram as condições climáticas existentes no momento das aulas, já que o surf está diretamente ligado a estas variações para a sua prática, pelo ambiente onde é praticado.

Quando analisados os impactos percebidos pelo projeto, pode-se dizer que, principalmente, o que se percebeu foi uma evolução e crescimento das atitudes e formas como ocorriam as relações entre os alunos e seus pares e também entre alunos e instrutores. Outro fator que foi apontado por alguns instrutores é a melhora do grupo no que diz respeito ao desempenho escolar e suas responsabilidades pessoais, além das relações familiares. Porém não é possível, pelo que foi pesquisado, afirmar que estas melhoras de fato ocorreram. Além destas questões, um fator importante do projeto foi poder ofertar de forma totalmente gratuita e com muita qualidade, um esporte que pode ser considerado de alto custo para crianças e jovens que, sem ações desta natureza, dificilmente teriam acesso as práticas e aos materiais oferecidos.

Pessoalmente cada um dos entrevistados percebia de forma diferente os impactos e objetivos percebidos, mas de uma maneira geral os instrutores acreditam que o projeto contribuiu de diversas maneiras para o crescimento pessoal deles mesmos e dos envolvidos com o projeto, seja alunos, responsáveis e para a própria comunidade. Novamente não é possível afirmar que o projeto realmente modificou a realidade de todos os alunos e também da comunidade, por mais que em alguns casos específicos essa mudança foi evidente, como no exemplo que é dado por um dos instrutores sobre os dois alunos que eram considerados os mais “problemáticos” e que foi constatada a mudança no comportamento e nas relações destes. Mas como não foi dada a continuidade necessária nas aulas é difícil afirmar até que ponto essa “mudança” perdura.

O fato de não possuir mais o suporte financeiro existente aparece como o principal desafio para continuidade e estruturação do projeto, assim como o excesso de burocracia para prestação de contas, quando o projeto ainda possuía a verba. Mesmo assim percebe-se que sem o apoio financeiro fica inviável manter uma equipe grande e estruturada, para que os objetivos propostos possam de fato serem alcançados. Outro fator que dificultou um pouco o andamento das aulas foi a grande variação das faixas etárias e o fato de que muitas das vagas oferecidas não foram preenchidas de maneira satisfatória. Fazendo com que o projeto acolhesse crianças muito jovens e também fora do grupo social que se buscava atender.

Mas por outro lado as dificuldades criam possibilidades, tanto de pensar melhoras e novas formas para atender os alunos, como de estruturação e planejamentos, ou de atividades e

possibilidades para o futuro do projeto. E apesar de todas as dificuldades o projeto possui uma estrutura física e materiais em ótimo estado, além de pessoas que amam aquilo que fazem e possuem o sonho de mudar a realidade dos jovens da comunidade. Portanto as atividades não foram interrompidas e continuam acontecendo com a ajuda de pais e instrutores voluntários, mesmo que com uma estrutura reduzida e em menor proporção.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Ananda Veras de; DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. Da praia para o mar: Motivos à adesão e à prática do surfe. **Licere**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p.1-22, dez. 2008.
- BRASIL, Fernanda Kundrát et al. Frequência cardíaca e tempo de movimento durante o surfe recreacional: estudo piloto. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 9, n. 4, p.65-75, out. 2001.
- CASTRO, Suélen Barbosa Eiras de; SOUZA, Doralice Lange. Significados de um projeto social esportivo: um estudo a partir das perspectivas de profissionais, pais, crianças e adolescentes. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 4, p.145-163, dez. 2011.
- CYSNE, Felipe Vieira de. Análise Das Práticas Pedagógicas No Ensino Do Surfe. 2016. 47 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.
- EIRAS, Suélen Barboza et al. OBJETIVOS DA OFERTA E DA PROCURA DE PROJETOS SÓCIOESPORTIVOS. **Licere**, Belo Horizonte, v. 13, n. 3, p.1-24, set. 2010.
- FALCONER, A. P. A promessa do Terceiro Setor: Um estudo sobre a construção do papel das organizações sem fins lucrativos e do seu campo de gestão. 1999. f. Dissertação (Mestrado em Economia) – FEA / USP, São Paulo, 1999.
- FERNANDES, Rubem César. O que é o terceiro setor?. *Revista do legislativo*, Belo Horizonte: Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, n. 18, p. 26-30, abr./jun. 1997.
- GALATTI, Larissa Rafaela et al. Pedagogia Do Esporte: Procedimentos Pedagógicos Aplicados Aos Jogos Esportivos Coletivos. **Conexões**: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 6, ed. especial, p.397-408, jun. 2008.
- GONÇALVES, E.P. Iniciação à pesquisa científica. Campinas, SP: Alínea, 2007.
- JOAQUIM, Cassia dos Santos; HIRAMA, Leopoldo Katsuki; MONTAGNER, Paulo Cesar. PEDAGOGIA DO ESPORTE E VALORES HUMANOS. **Conexões**: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 6, ed. especial, p.545-559, jun. 2008.
- GARCIA, Guilherme Bauer; VAGHETTI, César Augusto Otero; PEYRÉ-TARTARUGA, Leonardo. Comportamento da frequência cardíaca durante uma sessão de surfe. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 16, n. 2, p.41-47, jun. 2009.
- MACHADO, Gisele Viola. Pedagogia do Esporte: organização, sistematização, aplicação e avaliação de conteúdos esportivos na educação não formal. 2012. 182f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.
- MACHADO, Gisele Viola; GALATTI, Larissa Rafaela; PAES, Roberto Rodrigues. Pedagogia do esporte e projetos sociais: interlocuções sobre a prática pedagógica. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p.405-418, abr/jun 2015.

MATOS, Margarida Gaspar de et al. O surf na promoção da saúde e bem-estar em jovens em contexto de acolhimento: avaliação de uma intervenção. **Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente**, Lisboa, v. 7, n. 1, p.433-447, mar. 2017.

NAVARRO, Francisco; DANUCALOV, Marcelo Á.; ORNELLAS, Fabio H.. Consumo máximo de oxigênio em surfistas brasileiros profissionais. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 18, n. 1, p.56-60, out. 2010.

PAES, Roberto Rodrigues. Educação Física Escolar: O Esporte como Conteúdo Pedagógico do Ensino Fundamental. 1996. 198 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

PAIXÃO, Jairo Antônio da. Esporte de aventura: processo instrucional e situações de risco. 2009. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/46391925_Esporte_de_aventura_processo_instrucional_e_situacoes_de_risco>. Acesso em: 20 nov. 2018.

PEREIRA, Dimitri Wuo; ARMBRUST, Igor; RICARDO, Denis Prado. Esporte radicais, de aventura e ação: conceitos, classificações e características. **Revista Corpoconsciência**, Santo André, v. 12, n. 1, p.18-34, Jan/Jun, 2008.

PEREIRA, Dimitri Wuo; ARMBRUST, Igor. Pedagogia da aventura: Os esportes radicais, de aventura e de ação na escola. Jundiá: Fontoura, 2010. 160 p.

SANTOS, Ruth dos; FREIRE, Elisabete dos Santos. Educação Física e Esporte no Terceiro Setor: Estratégias de Ensino e Aprendizagem de Valores, Atitudes e Normas no Projeto Esporte Talento. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, Barueri, v. 5, n. 1, p.35-45, abr. 2005.

SANTOS, Saray Giovana dos; MORETTI-PIRES, Rodrigo Otávio (Org.). Métodos e Técnicas de Pesquisa Qualitativa Aplicada à Educação Física. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2012. 236 p.

STIGGER, Marco Paulo; THOMASSIM, Luis Eduardo. Entre o “serve” e o “significa”: uma análise sobre expectativas atribuídas ao esporte em projetos sociais. **Licere**, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p.1-33, jun. 2013.

TUBINO, Manoel José Gomes. Dimensões sociais do esporte. São Paulo: Cortez, 1992. 79 p.

VIEIRA, Roberta de Oliveira. Aragua Surfe Social: Contribuições do Projeto que Integra Esporte e Educação. 2012. 69 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

VIOLA, Gisele et al. Pedagogia do esporte e autonomia: um estudo em projeto social de educação não formal. **Pensar A Prática**, Goiânia, v. 14, n. 3, p.1-21, 31 dez. 2011.

APÊNDICE A – Entrevista semiestruturada Instrutores

1) FILOSOFIA DO INSTRUTOR DE SURF

1.1) Você poderia falar sobre o que a prática do surf significa para você. Qual a principal razão para você surfar? De que modo o surf está presente no teu dia-a-dia?

1.2) Você poderia falar como foi sua entrada no projeto (pessoas, motivos, objetivos pessoais)?

1.3) O que significa, para você, ser um instrutor do “drop do bem”?

1.4) Qual a sua principal missão como instrutor do “drop do bem”?

1.5) Na sua opinião, o que de mais importante você busca ensinar para os seus alunos?

1.6) Na sua opinião, quais são os pontos importantes que um instrutor deve valorizar durante as suas aulas?

1.7) Na sua opinião, qual o papel dos alunos durante as aulas?

1.8) De que forma você pensa que o projeto pode influenciar na vida dos envolvidos? Alunos, instrutor(es), responsáveis pelos alunos e na própria comunidade?

1.9) O que você espera que seus alunos alcancem ao participarem das aulas do projeto?

2) OS CONHECIMENTOS DO INSTRUTOR SOBRE OS ALUNOS

2.1) Quais as características dos alunos que frequentam as aulas? (Idade, sexo, classe social, localidade que reside, nível de prática do surf, nível de experiência com o mar)

2.2) Como é a sua relação com os alunos? Acontecia apenas durante as aulas?

2.3) Além dos alunos, você possui relação com seus responsáveis ou outras pessoas ligadas a eles?

2.3) Na sua opinião, o que é necessário e como fazer para ter uma boa relação com os alunos?

2.4) Como você percebia as relações entre os alunos, como eles relacionavam-se entre si?

2.5) Na sua visão, qual o principal motivo que faz as crianças irem (e continuar indo) para as aulas do projeto?

3) AS ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PELO INSTRUTOR

3.1) Você poderia falar sobre as aulas do projeto (local, frequência, duração, quantidade de alunos, quantidade de instrutores, sua função durante a aula, atividades propostas aos alunos)?

3.2) O que era ensinado durante as aulas?

3.3) Como vocês decidiam o que deveria ser ensinado nas aulas?

3.4) Você poderia dar o exemplo de alguma atividade realizada. Quais eram os pontos reforçados durante a sua instrução para os alunos?

3.5) Como os alunos eram organizados no espaço de aula? Poderia dar o exemplo de uma situação prática?

4) A AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS DA INTERVENÇÃO DO INSTRUTOR

4.1) Vocês realizavam algum tipo de avaliação das atividades e/ou dos encontros?

4.2) Na sua opinião, qual seria a melhor forma de realizar essa avaliação?

4.3) Você acredita que seus objetivos pessoais como instrutor do “drop do bem” foram alcançados?

4.4) Você acredita que os objetivos do projeto social foram alcançados?

4.4) Na sua opinião, qual o impacto que o projeto pode ter gerado na vida dos envolvidos?

5) OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELO INSTRUTOR

5.1) Para você, quais foram os maiores desafios encontrados?

5.2) Quais foram as maiores satisfações?

5.3) Existe mais algum aspecto que você queira pontuar?

APÊNDICE B – Entrevista semiestruturada Coordenador

1) IDEALIZAÇÃO GERAL DO PROJETO

- 1.1) Você poderia falar sobre o que a prática do surf significa para você. Qual a principal razão para você surfar? De que modo o surf está presente no teu dia-a-dia?
- 1.2) Como você acredita que o surf pode influenciar na vida das pessoas envolvidas com o esporte?
- 1.3) Conte um pouco do que te levou a idealizar o projeto “Drop do bem”?
- 1.4) Você poderia contar um pouco sobre o início do projeto e como ele se estruturou desde então?
- 1.5) Com quais recursos o projeto conta? Como é a estrutura física e humana do projeto “Drop do bem”?
- 1.6) Qual o público alvo do projeto? Quais critérios foram usados para escolha desse público?
- 1.7) Quais são os objetivos do projeto? O que o projeto se propõe a alcançar?

2) ALCANCE DAS METAS (FORAM ALCANÇADAS? COMO E POR QUE?)

- 2.1) Para você quais aspectos das aulas do projeto mais influenciam para que as metas propostas sejam atingidas?
- 2.2) Você acredita que as metas que o projeto se propôs a alcançar foram cumpridas?
- 2.3) Existe alguma forma de avaliação dos resultados? Na sua opinião, como seria a melhor forma de realizar essa avaliação?

3) AVALIAÇÃO DO ANDAMENTO DO PROJETO (DESAFIOS)

- 3.1) Você acredita que a estrutura que o projeto possui hoje é a ideal, pensando nos objetivos propostos? O que poderia melhorar?
- 3.2) Fale um pouco de como o projeto está atualmente e quais as metas para o futuro do projeto.
- 3.3) Na sua opinião quais são os maiores desafios para realizar e manter o projeto ativo?